

**Histórias do Padrinho Domingos:
o doutor de ossos de Canelatiua**

Domingos Ribeiro

© Nova Cartografia Social da Amazônia-PNCSA, 2010.

Editor

Alfredo Wagner Berno de Almeida

NCSA/CESTU/UEA, pesquisador CNPq

Diagramação

Emerson Silva

Capa

Design Casa 8

R484h Ribeiro Domingos

Histórias do padrinho Domingos: o doutor de ossos de Canelatiua / Domingos Ribeiro; Org. Alfredo Wagner Berno de Almeida [et al]. – Manaus, Am: UEA Edições, 2010.

74 p.: ; 22cm

ISBN 000-00-0000..

1. Contos populares – Povoado Canelatiua. 2. Histórias populares.
I. Alfredo Wagner Berno de Almeida [et al]. II. Título.

CDU 398.21 (812.1Alcântara - Canelatiua)

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA
NCSA/CESTU/UEA – PPGAS/UFAM – FUND. FORD

PROJETO NOVAS CARTOGRAFIAS ANTROPOLÓGICAS DA AMAZÔNIA

PROJETO TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-ECONÔMICAS NO RIO MADEIRA:
ANÁLISES PARA FINS DE MONITORAMENTO DE POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS
NCSA/CESTU/UEA – IEB – CNPq

NÚCLEO DE PESQUISAS EM TERRITORIALIZAÇÃO, IDENTIDADE E
MOVIMENTOS SOCIAIS – CNPq/UEA

Endereço:
Rua José Paranaguá, 200
Centro.
Cep.: 69.005-130
Manaus, AM

E-mails:
pncaa.uea@gmail.com
pnca.ufam@yahoo.com.br
www.novacartografiasocial.com
Fone: (92) 3232-8423

Sumário

Prefácio	5
Apresentação	7
A adivinhação de João Preguiça	17
O pretinho João e a princesa Belinha	27
O peleguinho e o pássaro que canta e chora	45
A mulher e o doutor	63
A princesa e os sinos	65
São Pedro e Jesus correndo o mundo	67

PREFÁCIO

Dorinete Serejo Morais*

As histórias contidas neste livro me remetem a um passado não muito distante, quando Canelatiua durante a noite era iluminada somente pela lua, com toda sua exuberância, e em nossas casas a lamparina, abastecida com querosene, era o que clareava.

Este período era muito diferente de tudo que já temos hoje e, por isso, sempre me recordo das brincadeiras durante as noites, onde as crianças corriam, brincavam de roda, pega-pega, tudo isso ficou um pouco esquecido já que a energia tão esperada enfim chegou e com ela uma série de novidades.

Dentre todas essas coisas, o que mais sinto falta é das bocas de noite na porta da casa de meu avô, naquela calçada que mais parecia uma arquibancada, lá era ponto de encontro da maioria das pessoas, senhores(as), jovens e crianças. Ê tempo bom, quando juntava meu padrinho Domingos , Tia Celina ,Papai ,Vovô e outros. Ai a atenção era redobrada para não perder um detalhe de piadas, lendas e as histórias eram as que mais chamavam atenção pela riqueza de detalhes e os personagens que, em alguns casos, pareciam tão reais que dava medo.

* Auxiliar de Enfermagem e Agente de Saúde do Posto de Canelatiua, Coordenadora do MABE _ Movimento dos Atingidos pela Base Espacial _ e integrante do MONTRA _ Movimento das Mulheres Trabalhadoras de Alcântara.

Momentos, iguais a este, eram constantes e comuns em outras portas e em vários pontos da comunidade, mas nada se comparava com a casa de meu avô pela localização e os contadores de história.

Hoje só resta meu padrinho Domingos e as histórias ouvidas já não são as nossas e sim as que a televisão tem para contar, as reuniões estão se extinguindo e as memórias sendo esquecidas. Com certeza este livro vai permitir que algumas dessas histórias, tão conhecidas em todo o município de Alcântara (MA), não se percam quando meu padrinho não mais existir.

APRESENTAÇÃO

Patrícia Portela Nunes*

As histórias que o leitor irá conhecer são de autoria do senhor Domingos Ribeiro e foram coligidas por mim e Dorinete Serejo Morais durante o ano de 2004, no decorrer de minha de pesquisa de campo realizada no povoado de Canelatiua, localizado em Alcântara, Maranhão. Portador da história de sua comunidade, seu Domingos, como é conhecido, tornou-se o porta-voz dos interesses de uma das territorialidades específicas que integra o designado território étnico de Alcântara. Assim, desde que foi implantada, por decisão governamental, uma base de lançamento de foguetes neste município ele se apresenta como detentor da história da conhecida terra da pobreza, localizada a noroeste de Alcântara e é capaz de proceder à expectativa de direito do grupo social que representa.

Seu Domingos reside em Canelatiua, um entre os cinco povoados que fazem parte desta territorialidade. Sua reputação, no entanto, transcende os limites da designada terra da pobreza. Para um morador da cidade de Alcântara, por exemplo, ele é considerado uma espécie de doutor, um pajé ou um conselheiro em assuntos espirituais. Pelo que pude reunir de informações, sua reputação foi construída perante aqueles com quem interage em suas relações cotidianas como um benzedor por oposição à figura do pajé. Certo número de distinções é por ele estabelecido entre suas atribuições, dons e habilidades que o distancia dos pajés de sua região. Além de ser reconhecido como benzedor, seu Domingos dispõe de

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, bolsista FAPEMA. As considerações ora apresentadas são resultado de uma pesquisa de campo realizada na designada terra da pobreza direcionada ao meu trabalho de doutorado. Nesse sentido, tais considerações serão desenvolvidas e aprofundadas em minha tese.

saberes práticos relativos a certo conhecimento que possui no trato de ossos, articulações, ligamentos e tendões do corpo humano que o habilita a ser visto como um doutor local. Ele dispõe de critérios de competência e saber específicos para praticar o ofício conhecido como consertar ossos ou por ele designado como endireitar junta; através deste ofício ele é capaz de estabelecer uma rede de relações bastante vasta que ultrapassa as fronteiras de sua comunidade, pessoas de diferentes localidades do município são levadas diariamente a lhe procurar em razão de algum problema deste tipo causado por algum acidente ou ele próprio é levado sair do sítio onde reside para prestar auxílio a algum acidentado que não pode ir ao seu encontro. Além disso, certos vínculos de amizade, parentesco e vizinhança lhe facultam o acesso ao domínio das festas religiosas; através destes laços ele é chamado a exercer atividades como festeiro ou encarregado de festas. Um tipo de saber também daí se desprende que lhe confere notoriedade e reconhecimento específico de seu valor. Seu Domingos ainda se coloca neste meio social como reputado padrinho congregando uma rede de afilhados, compadres e comadres que lhe permite estabelecer vínculos de reciprocidade com uma vasta gama de parentes de modo a insinuar que os tipos de laço que ele é capaz de criar transbordam as fronteiras da comunidade de parentes que ele representa. Num certo sentido, cada um dos diferentes domínios de interação social, mencionados acima, se constitui em domínios de saber que concorrem para a construção da reputação e da autoridade deste senhor.

Seu Domingos tornou-se meu principal informante em campo e meu vizinho mais próximo também, posto que eu passei a ocupar a casa vazia ao lado da sua, em todas as minhas estadias em Canelatiua. Foram muitas as entrevistas que com ele realizei em sua residência com o objetivo de entender o que significa afirmar-se como morador da terra da pobreza num contexto de conflito com a base de foguetes espaciais – quando, como e o que constitui tal territorialidade.

A grande maioria destas entrevistas foi realizada em sua residência, tendo presente em sua sala de estar sempre sua esposa, dona Delina, ou seu filho Antônio ou sua afilhada Dorinete, com quem sempre contei, nesta e demais atividades de pesquisa em Canelatiua. Certa tarde, fui surpreendida com uma dessas chamadas “histórias muito antigas” que são imputadas pelo narrador, o Sr. Domingos, ao começo do mundo, já que são invariavelmente narradas por alguém de idade bastante avançada que, por sua vez, dela tomara conhecimento por outro que também dispunha de muitos anos de vida.

A narrativa desta tarde tratava sobre as andanças de Jesus e São Pedro pelo mundo. Mas tomada pela surpresa, pela eloquência do narrador e pelo seu domínio sobre o relato só pude perceber que a história que ouvi naquele dia retratava algo de muito familiar com relação àquele meio social, referência empírica de minha pesquisa. A opinião de Dorinete confirmou meu impacto inicial. Lembro-me dela comentando, ao sairmos, que aquela história era uma forma de reverenciar o benzimento praticado pelos pajés e benzedores de sua região.

Na primeira oportunidade que tive, na seqüência das entrevistas, indaguei de pronto se poderia gravar aquelas suas histórias, ao que meu anfitrião me respondeu com a mesma imediatividade que não. Não insisti e compreendi o valor atribuído pelo Sr. Domingos às suas histórias. Tratava-se de um saber detido por poucos e, pelo que pude perceber, a este saber ele lhe atribui uma importância equivalente à importância que lhe atribuem à sua memória sobre a história e os direitos dos moradores das terras da pobreza ou aos saberes que dispõe como benzedor, consertador de ossos e encarregado das festas de santo que participa. Pelo que pude depreender, trata-se de um saber que se coloca como instância que lhe confere poder e autoridade em referência às redes de relação social que é capaz de mobilizar. Ou, dito de outro modo, o reconhecimento específico do valor dessas histórias, no universo social a partir do qual elas emergem,

lhe asseguram certa respeitabilidade e notoriedade. Trata-se de uma modalidade de saber dominado por poucos.

Meu encantamento com a primeira história que ouvi levou-me a dispensar o gravador em favor do papel e do lápis como forma de registro. Com sua permissão passei então a freqüentar sua residência de noite, disposta como estava para ouvi-lo. Mas para minha satisfação e conforto, ao fim da primeira noite a Sra. Delina saiu a meu favor ao presenciar as dificuldades que enfrentei, enquanto anotava à luz de querosene, o mais rápido que pude e na cadência do relato de seu esposo, a história da primeira noite.

Por essa razão o material coligido, constituído por seis histórias, é heterogêneo em sua composição: duas histórias foram registradas através de minha escrita realizada no ato da narração de forma que grande parte da riqueza de detalhes destas duas narrativas ficou perdida; três foram registradas por meu gravador; e uma delas, a última a ser gravada, foi a repetição da primeira história que ouvi e motivou meu interesse: a história sobre Jesus e São Pedro em suas andanças pelo mundo. Como repetição de uma história, ouvida previamente, pude perceber as variações intrínsecas a esta modalidade de saber.

Ao fim de cada história o narrador costumava acrescentar ao seu desfecho uma interpretação própria de seu significado, tanto quanto se seguiam conversas informais travadas entre o narrador e sua audiência. Nelas, seu Domingos e sua esposa, indicavam-me alguns dos atributos necessários à arte de narrar história. Um dos atributos por eles ressaltado é a memória. Indispensável à arte de narra histórias, a memória é percebida por meus anfitriões como um dom, uma habilidade dada pelo nascimento. Apesar disto eles não deixam de pontuar alguns quesitos necessários à sua aquisição. O repertório de histórias de que dispõe este senhor foi aprendido em sua juventude ao ouvir e prestar atenção na conversa dos adultos, os velhos de seu tempo. Para tanto, certa postura face aos adultos é necessária: requer não apenas uma disposição para ouvir, mas certo

comportamento ritualizado ao fazê-lo, isto é, é necessário ouvir em silêncio e ouvir sem questionar em sinal de respeito ao narrador, como frisa seu Domingos: E eu tô escutando. Isso eu conto, como ele me contava, né? Eu não dizia para ele: _ como é piqueno? Não, eu tava sentado só escutando.

Como uma modalidade específica de narrativa estas histórias são distinguíveis daquela que decorre da leitura de um livro. Assim, se para alguns é a leitura de um livro que autoriza a narração de uma ficção, para um contador de histórias é a sua memória que lhe fornece tais condições. Certamente certas especificidades marcam a distinção entre um e outro tipo de narrativa. O ato de contar uma história por meio da leitura de um livro permite, a aquele que o lê, a repetição literal das páginas impressas, já a repetição que se vale da memória como espécie de veículo à narrativa permite ao narrador certa margem de autonomia, autoriza-o a criar a partir do repertório de tramas que dispõe: dominando o ponto de partida e o ponto de chegada da história, que elegeu para narrar; o narrador dispõe de autoridade para variar os caminhos percorridos pelo personagem principal, inserindo ou excluindo cenas de acordo com sua audiência, com o tempo que dispõe e com seu próprio envolvimento no ato de narrar. É isso que o autoriza a misturar uma história com a outra e a personalizar o papel de narrador _ “Cada um conta de um jeito” considera minha anfitriã. Ou seja, uma mesma trama é contada de forma particular consoante o narrador, sugerindo que cada intérprete é percebido como único, mais que a versão apresentada ou a história em foco. Dito de outro modo, por mais que as versões de um narrador sobre uma mesma história possam variar, as alterações efetuadas pelo narrador são tidas como menos significativas que o próprio narrador, é neste que se concentra a singularidade. O intérprete é percebido como único _ não a história ou sua versão, esta pode variar mas a história é tida como a mesma, uma vez que a repetição desta modalidade de narrativa nunca se dá nos mesmos termos que a repetição de um texto impresso.

A memória se acopla, assim, a esta habilidade não apenas de manipular segmentos de narrativas, mas também de lançar mão figuras de linguagens, alusões, rimas e ditados que ajustam o cenário das narrativas ao meio social do narrador _ elementos estes que integram, por assim dizer, a arte de narrar histórias e que conferem ao narrador os parâmetros de sua singularidade. Tanto quanto a memória, os atributos para assim proceder são imputáveis, na visão de meus anfitriões, a certo talento natural. Eles deixam entrever, contudo, que estes atributos demandam práticas que facultam ao narrador sua aquisição. Assim percebidas, as narrativas míticas constituem uma espécie de saber prático e se atualizam a partir de modos de proceder estandardizados: há contextos específicos para seu exercício, como no velório de algum parente, amigo ou vizinhos.

Vê-se, com isso, como a memória ou o emprego dos elementos de linguagem, que singularizam um narrador, conferindo-lhe notoriedade em certo universo social, podem ser ameaçados pela presença de um gravador. Este viabiliza a repetição literal, e por um cem número de vezes, de uma narrativa que, sem sua presença, só seria ouvida na instantaneidade da fala do narrador, no ato da narração. Assim como a presença de um gravador também pode facilitar a apropriação dos elementos de linguagem que singularizam um intérprete, para além da faculdade de aprendiz que se apresenta a certos ouvintes. Isto é, por mais que o ato de narrar possa ser visto como uma instância de aprendizado, o procedimento do aprendiz é o de ouvir muitas histórias, narradas por diferentes intérpretes e eleger os parâmetros de uma própria singularidade em vez de reproduzir literalmente aquilo que escuta _ ação esta que pode ser facultada pela inserção de um gravador. Além disso, nem todo e qualquer ouvinte reúne as condições adequadas para tornar-se um aprendiz: na condição de pesquisadora e como alguém “de fora” daquele meio social, meu interesse demasiado por aquelas histórias bem poderia ser lido como apropriação indébita de um tipo de saber ou interesse em ter

acesso a segredos que são vistos inclusive como habilitados a dirimir conflitos sociais. A esse respeito considere bastante sugestiva a observação de um morador da terra da pobreza ao tomar conhecimento de meu interesse nas histórias de seu Domingos. Pareceu-me que este morador explicitou um desejo coletivo ao insinuar que, em uma possível disputa entre seu Domingos e os militares da base de foguetes e estando em jogo a propriedade coletiva das terras da pobreza, dificilmente seu Domingos não sairia vitorioso tal o grau de dificuldade para decifrar os enigmas que as narrativas encerram.

Apesar do risco, ou da ameaça que a presença de um gravador implica, parece-me que o gravador reproduz a voz, mas não a fala, o contexto da narração. Apresenta-se, certamente, como instrumento útil que facilita a lembrança da cena àquele que gravou, mas não resolve completamente o trabalho de comportar a fala em texto.

Como tornar legível as ênfases e as pausas inerentes à retórica atualizada pelo narrador ao buscar conquistar a atenção da sua audiência? De outra parte, as histórias registradas por meu gravador foram contadas por seu Domingos em dias distintos, de forma que a audiência com que este contou variou dia a dia. Como reproduzir, então, o deleite da troca ou as reações e as intervenções da audiência, como os risos provocados e nem sempre compartilhados por todos os ouvintes? _ (A dissonância entre os risos da platéia tanto poderia informar sobre a eficácia das estratégias de convencimento postas em prática pelo narrador, especialmente no caso daqueles ouvintes que acham graça dos episódios narrados; quanto poderiam evidenciar, para aqueles que se eximiram do riso em momento inoportuno, desatenções, divergências de opinião ou desentendimento por não pertencimento ao meio social do narrador). Estes obstáculos, dentre outros, constituem os limites do trabalho de conversão de formulações que se efetuam através da oralidade em texto escrito. Alguns dos limites com que me deparei pareceram-me irresolutos, como a reprodução das

pausas e das ênfases que creio serem perceptíveis apenas àqueles leitores que já ouviram este senhor contar alguma de suas histórias, isto é, creio que estes podem ser capazes de reproduzi-las mentalmente ao lerem a edição que realizei. Com relação a outros enfrentamentos, tive que optar: decidi, por exemplo, omitir as intervenções que fiz durante as narrações já que a maior parte delas se ateuve ou a expressões que desconhecia, ou ao esforço que despendi para acompanhar o “fio da meada”, interrompendo, com isso, o encadeamento das idéias e a fluidez da narrativa; por esta razão decidi efeminá-las e preservar a cadência da fala. Do mesmo modo procedi com relação às intervenções efetuadas pelos demais ouvintes que estiveram presentes como audiência deste senhor: eliminei-as em favor da cadência.

Busquei, ainda, aproximar-me ao máximo da dimensão oral destas narrativas de forma que algumas expressões ou palavras que possuem determinada grafia para ortografia oficial foram preteridas a favor de uma grafia adstrita ao que se ouve. Ou seja, diante de palavras que se escreve de uma forma, mas que se pronuncia de outra, optei por esta última forma, isto é, pelo que se ouve, posto que essa forma de registrar tanto pode remeter ao leitor a natureza oral destas narrativas, quanto permite a indicação de determinados sentidos e significados que ficariam perdidos na ortografia oficial. Assim, por exemplo, em vez da palavra “pequeno”, o leitor irá se defrontar com a palavra “piqueno” que tanto pode significar “menino”, quanto indicar certo rebaixamento ou desqualificação social por aquele que a profere.

Por esta mesma razão, para insinuar ao leitor à oralidade das narrativas, mantive a repetição de frases e palavras que expressam as ênfases atribuídas pelo narrador, tanto quanto algumas expressões que sugerem a atenção da audiência como “tá vendo?” ou, ainda, as sonoplastias empregadas pelo narrador. Mantive também palavras que inexitem em dicionários, mas que explicitam o universo social das personagens das histórias, que invocam um pertencimento

ao mundo da à roça ou da pesca ou a determinadas práticas religiosas. Utilizei o *itálico* para chamar atenção para algumas destas palavras, indicativas de universos sociais específicos. Além disso, decidi indicar as palavras que não pude compreender ao ouvir as gravações através de um ponto de interrogação posto entre colchetes: [?], ao invés de adaptar a frase à incompreensão.

Editei, no entanto, os nomes de alguns personagens sempre que observei que o narrador, talvez por seu envolvimento na narração, havia trocado o nome de alguma personagem do enredo, substituindo o “deslize” pelo primeiro nome utilizado – “deslize” que sugere a meu ver que a importância está posta na posição do personagem na hierarquia social, em detrimento de papel encarnado na ficção. Isto é, pouco importa se o nome do pai da personagem principal ou do rei fora trocado pelo narrador, sendo mais importante invocar que ambos representam universo seccionado: posições de poder que são ocupadas pela realeza, com reis e princesas encastelados em seus domínios e, de outra parte, camponeses, pescadores, carvoeiros e empregados, qualificados como pretos e pobres, que ocupam as posições de menor prestígio social. Entre ambos há lugar para um universo de seres sobrenaturais dominado por seres antropomorfos, sobrenaturais travestidos de animais, almas, espíritos, anjos da guarda e objetos encantados ou, ainda, feitiçadeiras, bruxas e cartomantes que viabilizam a subversão desta ordem social marcada pela ausência de mobilidade social. Conforme o leitor terá oportunidade de observar, o narrador fornece as posições das personagens das narrativas em face à realeza.

Assim com a intenção de facilitar a leitura e tendo em vista que o narrador fornece à sua audiência as posições sociais de um universo hierarquizado, decidi demarcar tais posições ao incluir no texto indicação de quem fala segundo a especificação do próprio narrador. Antes então de cada frase proferida pelas personagens do enredo o leitor encontrar a indicação de quem está falando.

Deste modo, a organização da presente publicação me levou à execução de determinadas tarefas: buscar obter o consentimento do narrador para realizar a gravação; gravar ou anotar as narrativas (no caso daquelas em que não obtive permissão para gravar); ouvir as gravações; transcrever; revisar a transcrição ouvindo uma vez mais; e editar, o que implicou na identificação de limites e nas tomadas de decisão a respeito da organização, seleção e formato de apresentação do material de áudio coletado. Uma última revisão visando à publicação foi realizada com a participação de Dorinete. Nesta os equívocos por mim efetuados foram corrigidos, assim como realizamos juntas a difícil tarefa de por títulos nas narrativas. Dorinete, de sua parte, ainda submeteu a narrativa intitulada A princesa e os sinos ao seu padrinho, posto que algumas lacunas decorrentes da ausência do gravador dificultavam o entendimento do enredo. Finalmente, obtivemos o aceite do autor e/ou narrador para a publicação das narrativas míticas ora apresentadas.

Dito isto: _ “com a palavra: o narrador”.

A adivinhação de João Preguiça

Então, era um carvoeiro que tinha um filho. O nome dele era João Preguiça, porque tudo que convidavam ele para fazer, ele achava que era um peso, uma preguiça. E a mãe dele dizia:

Mãe: _ Olha Manoel, leva João pra roça, vamos ensinar ele a trabalhar, porque tu não saber ler, eu não sei ler, como é que nós vamos viver com esse menino?

Pai: _ Ah, eu não levo porque eu tenho só esse filho e eu não vou ficar carregando ele.

Quando o pai saía do serviço, ele saía para brincar, espreguiçar, porque ele era João preguiça! Aí foi indo, quando ele já tava maiozinho, que tava ficando já mocinho, o velho morreu. Aí, ela ficou sozinha com ele. Aí ela queria levar ele pro trabalho e ele não queria ir. Aí ela disse pra ele:

Mãe: _ Olha rapaz, se tudo não quer trabalhar, tu procura o teu destino porque eu não tenho como te sustentar.

Ele saiu, se escondeu por ali e ela foi pra roça. Ele foi lá no cofrinho dela, achou dois vintém . Aí ele levou, levou e levou uma faquinha assim. Quando chegou em viagem, ele tinha uma cachorra, uma cachorrinha que acompanhou ele. Aí ele olhou para trás e disse:

João Preguiça: _ Cachorra, eu vou te botar logo um algum nome!

Botou de “Tipe”. A cachorra era “Tipe”. Aí foram embora. Andaram, andaram, andaram. Deu fome e nele. Aí chegaram numa padaria:

João Preguiça: _ Moço, tem pão?

Moço: _ Tem sim senhor, quanto você quer de pão.

João Preguiça: _ Quero três pão. Aí ele comprou os três pão.

Aí saiu da porta pra fora e se lembrou:

João Preguiça: _ Moço, tem veneno de rato?

Moço: _ Tem.

João Preguiça: _ Me dê um pouquinho.

Moço: _ Pra que você quer veneno, siô?

João Preguiça: _ Não, porque mesmo.

Aí, viajou foi embora. Quando chegou em viagem, que chegou na beira de um rio, ele disse:

João Preguiça: _ Eu vou comer esse pão.

A cachorrinha pulando. Aí ele disse:

João Preguiça: _ Eu vou torar um no meio, boto esse veneno e dou esse pedaço, e eu fico com dois e meio.

A cachorra comeu e lá ficou. Ele lavou a mão, lavou a faca, sentou e comeu um pão, bebeu água. E agora olhou pra a cachorra:

João Preguiça: _ Eu vou te pelar.

Aí fez um foguinho, pelou, quando ele tá acabando de pelar, que abriu, aí, ele olha e tem sete homens.

João Preguiça: _ Vígem Maria!

Ele agora vai morrer.

Sete homens: _ Bom, o senhor dá o comê ou dá a vida?

Ele disse:

João Preguiça: _ Eu dou o comê, mas não dou a vida.

Sete homens: _ Então...

Aí passaram pra cá pra comer a comida e ele passou pra lá. Aí, eles chegaram e foram rasgando, rasgando, uns se deitando. Ele ficou escondido no mato. Terminaram de

comer, todos se deitaram. Ele ficou lá olhando, esperou algum deles se levantar, se espernear, mas nenhum se esperneou. Morreram. Aí veio caladinho, bateu em um, bateu no outro. Ele tinha uma espingarda cartucheira. E um rapaz tava com três cartuchos no bolso e um na cartucheira e tinha uma faca bonita. Ele garrou a faca e a cartucheira e saiu. Aí ele disse olha:

João Preguiça:_ eu saí de casa, levei dois vintém, levei “tipe”, passei numa padaria, comprei três pão, cheguei na beira de um rio, um eu envenenei, matei “tipe” e eu matei sete.

Aí saiu. Aí ele andou e viu uma juriti, e matou uma sururina, que não corre, que não avôa! Aí ele disse:

João Preguiça:_ olha, eu saí de casa, comi dois vintém, levei “tipe”, passei numa padaria, comprei de três pão, um eu comi e um eu envenenei, matei “tipe”, e com a tipe matei sete, dos sete eu escolhi a melhor. A atirei no que vi, e matei o que não vi.

Porque ele atirou no juriti, sururina não viu e matou. Aí ele subiu, aí ele disse assim:

João Preguiça:_ essa sururina, eu vou assar pra mim comer ela.

Fez um foguinho, depenou ela, abriu, assou, comeu aquele pedacinho. Ele disse:

João Preguiça:_ agora vou beber água.

Aí achou uma velhinha, acendendo cachimbo dela no fogo.

João Preguiça:_ Bom dia minha avó!

Avó:_ Bom dia, meu neto.

João Preguiça:_ Minha avó, me dê um pouquinho de água.

Avó:_ Olha meu filho, aqui não se dá água pra ninguém.

João Preguiça: _ Tá bom.

Aí ele subiu. Chegou no campo achou um jabuti, tava cheio de água. Ele chegou e bebeu porque ele tava com sede, a velha não quis dá a água para ele. Aí ele voltou. Aí ele disse olha:

João Preguiça: _ eu saí de casa, levei dois vintém, levei “tipe”, passei numa padaria, comprei de três pão, um eu envenenei e o outro eu comi , eu com a massa matei tipe, com a tipe matei sete, dos sete eu escolhi a melhor, atirei no que vi, matei o que não vi, tirei um quarto assei e comi, vivo me sovinou, morto foi quem me deu.

O vivo que sovinou água pra ele, mas foi o morto que deu água pra ele. Aí ele foi embora. Achou uma cicica velha no caminho, uma faquinha velha assim. Aí que ele tinha na cintura é que era do homem, mas ele achou uma velha e levou. Aí ele chegou num pé de cipó, ele tirou o cipó. Enrolou. Aí vira que o cipó parece uma cobra. Aí enrolou pelo pescoço.

João Preguiça: _ Eu saí de casa, levei dois vintém, levei “tipe”, passei numa padaria, comprei de dois pão, um eu envenenei e o outro eu comi , eu com a massa matei tipi, com a tipe matei sete, com a sete eu escolhi a melhor, atirei no que vi, matei o que não vi, eu tirei um quarto assei e comi, vivo me sovinou , morto foi quem me deu. Eu com o ruim, matei o pior.

Porque a faca era velha não cortava nada, matou a cobra. Aí ele andou um bocadinho e achou um boi na roça, ele botou esse boi da roça pra fora e amarrou o buraco. Ele disse:

João Preguiça: _ eu com o ruim, matei o pior e tirei o bom do melhor.

Porque o boi era bom, mas a roça era melhor por causa da mandioca, né? Eu com o ruim, matei o pior e tirei o bom

do melhor. Anoiteceu! E agora, o que ele vai fazer? Aí tinha uma coeira grossa, tinha um buraco, aí ele jogou o cipó lá em cima até onde ele pode se balançar, aí ficou. Aí quando foi umas horas da noite chegou o bicho, uma alma, não sei o que foi! Aí ele entrou no caripó. Aí com poucas horas, ele ouviu aquela zuada:

Comadre: _ Boa-noite, minha comadre.

Feiticeira: _ Boa-noite.

Comadre: _ Como é que tá lá no Reino?

Feiticeira: _ Ah, lá no Reino está se dando muito caso.

Comadre: _ É mesmo?

Feiticeira: _ É. Ah tem uma princesa lá que tá matando muitos filhos alheios.

Comadre: _ É mesmo?

Feiticeira: _ É.

Comadre: _ Como assim?

Feiticeira: _ Porque ela é uma princesa delicada e só vai casar com quem tiver uma adivinhação que ela não adivinhar. Quando ela adivinhar, de quantos disser, morre. E quando disser uma adivinhação que ela não adivinhar, assim mesmo tem que fazer três entrevistas pra ela casar.

Aí tinha uma que era feiticeira, era bruxeira, pra tirar penitência, né? Aí ela disse:

Feiticeira: _ Minha comadre, vamos calar que em mato tem olho e em parede tem ouvido.

Comadre: _ Ah, minha comadre, mas aqui nessas alturas, será que tem alguém aqui?

Feiticeira: _ Minha comadre, vamos ver que tenha coisa que já morreu.

Comadre: _ Quê minha comadre, que vamo vê nada! Esse mato aqui, não tem ninguém!

Feiticeira: _ É minha comadre, eu só quero [?] aqui sem esse pau, porque esse pau aqui, que nós faz penitência, é aqui que é a riqueza, né comadre?

Comadre: _ É.

Feiticeira: _ Olha debaixo dessa raiz, que bota para a estrada, tem um pote de dinheiro desse tamanho. A pessoa que tirar esse pote de dinheiro daqui, nós nunca mais vem aqui, desencanta.

Ela voltou a falar pra comadre:

Feiticeira: _ Comadre, vamos se calar, que mato tem um olho, parede tem ouvido.

Aí ele voltou:

João Preguiça: _ O que vivo sovinou, morto foi quem me deu. Eu com o ruim, matei o pior e tirei o bom do melhor e o que o homem sonha não diz, que árvore é bom, melhor a raiz.

Porque o quê o homem sonha não diz, que a árvore é bom, melhor a raiz. Por que que eu tô dizendo isso? Porque tudo o que se sabe, não se diz pros outros, né? E que ele sonhou, aquilo para ele era um sonho. Mas ele tava ouvindo. Bem, aí o galo cantou.

Feiticeira: _ Oh minha comadre, o galo cantou.

Comadre: _ Henheim, minha comadre, que galo é esse?

Feiticeira: _ É galo Branco.

Comadre: _ É nada.

Que não demorou cantou outro.

Feiticeira: _ Ó, minha comadre, o galo cantou.

Comadre: _ Que galo é esse?

Feiticeira: _ É o galo amarelo.

Comadre: _ Que, não é nada!

Aí não demorou outro.

Comadre: _ Ixe, galo cantou!

Feiticeira: _ É o pedrês.

E cantou outro. E ela perguntou:

Comadre: _ E esse aí?

Feiticeira: _ É o galo preto. Vamos embora que tá para amanhecer.

Aí ele ficou lá, olhou pro relógio e eram 4 horas. Aí ele ficou lá. Amanheceu. E ele com medo pensando que tinha uma onça embaixo pra comer ele. Aí quando deu 9 horas ele veio descendo, escutando, com muito cuidado. Desceu. Aí olhou para todos os lados e não viu ninguém. Aí ele garrou a cicica, quebrou a boca do pote, ele tornou a entupir. Depois trepou na pindobeira, tirou uma pindoba, fez um cofo. Tirou uma embira, gravatou e botou o pote dentro do cofo, marrou a boca do cofo, pendurou aqui no ombro e saiu. Aí levou esse galho. Aí não levou mais a espingarda, ele largou, deixou escondido no mato, levou só a faca. Aí anoiteceu, ele dormiu na beira de um brejo, bebeu água, juntou umas folhas de mato. Quando foi de manhã, ele saiu. Aí ele chegou na casa de uma velha. Aí ele disse:

João Preguiça: _ Minha avó, será a senhora me dá uma hospedagem até amanhã?

Avó: _ Dou, meu neto, só que eu não tenho uma rede.

João Preguiça: _ Não, eu não estranho não.

Aí ficou. E disse assim:

João Preguiça: _ Minha avó, aqui não tem serviço?

Avó: _ Tem meu filho, têm serviço, mas aqui só se pedir o serviço para o Rei, que esse rei é que manda aqui, é que governa, é que dá serviço pra trabalhar. Mas aí tem uma princesa, filha dele, que vive só de adivinhar. As pessoas que entram lá tem que ter uma adivinhação, se ela adivinhar a pessoa vai pro sumidor, quando ela não mata, a pessoa vai pra um quarto que chama sumidor. Quando não é o sumidor, ela manda degolar.

Ele disse:

João Preguiça: _ Amanhã eu vou lá.

Avó: _ Não meu filho, não vai lá, não vai lá pro senhor morrer. Não, fique aqui comigo mesmo, eu moro sozinha.

João Preguiça: _ Não, amanhã eu vou lá.

Amanheceu o dia, ele se ajeitou, calça de vestir em casa, amarrado uma embira aqui na cintura, ele se ajeitou e disse: hoje eu vou lá. Aí chegou, chegou e [seu Domingos bate palma]. A empregada veio.

João Preguiça: _ Quedê o Rei, ele está?

Empregada: _ Tá , o senhor quer falar com ele?

João Preguiça: _ Quero.

Empregada: _ Mas agora não tem expediente pro senhor falar com ele. Porque, tem pessoas ocupando o lugar. Mas então espera aí um pouco.

Aí ela foi e disse:

Empregada: _ Aí tem um pelegriño que quer falar com senhor.

Aí ele disse:

Rei: _ O que ele quer comigo?

Empregada: _ Não sei. Só o senhor e indo lá.

Rei: _ Eu não vou não. Não conheço! Diga para ele subir.

Ele subiu quando ele olhou a cara do homem, pra camisinha desajeitada, calça desajeitada.

Rei: _ O que você quer?

João Preguiça: _ Eu quero falar com o senhor.

Rei: _ Não tenho expediente agora, só mais tarde. Senta aí, no chão.

João Preguiça: – Sim senhor.

Não chegou nem a dizer pro rapaz sentar. Aí tinha dois na vez para contar história para ela. Mas contavam história só de livro, agarram livro, liam e ela também era só estudar livro. Tudo o que dizia ela sabia, né? Aí quando ele chegou:

Rei: _ O senhor tem a dizer o quê, siô?

João Preguiça: _ Eu quero contar um caso.

Rei: _ Siô, o senhor vai falar besteira, siô.

Aí ela tava lá, preparadona de véu, grinalda, princesa nova, era jovem:

Princesa: _ Ô meu papai, deixa ele dizer.

E ele disse:

João Preguiça: _ Vocês me dão licença.

Rei e Princesa: _ Damos.

_ “Eu saí de casa levei dois vintém. Levei tipe, passei numa padaria, comprei 3 pão, um eu envenenei e um eu comi. Eu com a massa matei tipe. Eu com a tipe matei 7. E eu com as 7 escolhi a melhor., Eu atirei no que vi, matei o que não vi. Eu tirei um quarto assei e comi, o que vivo me sovinou, morto foi quem me deu. Eu com o ruim matei o pior e tirei o bom do melhor. E o que o homem faz não diz, que árvore é bom melhor a raiz.” Me diga, meu bem.

Princesa: _ Siô, eu não vou lhe dizer.

Ela passou a mão no olhinho, passou a mão no olhinho, passou a mão no olhinho:

Princesa: _ Meu pai, eu agora achei caminho ruim.

Rei: _ Minha filha, tantas pessoas que vêm aqui preparadas e você adivinha, agora essa pessoa, vestida desse jeito, você não adivinhar essa história! Eu não acredito, minha filha!

Princesa: _ Não me faça essa pergunta. Você quer dizer outra vez.

João Preguiça: _ Eu digo.

Tornou a contar a mesma história. Ela cansou de revirar uma ruma de livros e não dizia.

Princesa: _ O senhor me dar um prazo de quinze dias?

João Preguiça: _ Dou sim senhora.

Aí voltou para casa da velha. Aí na saída dele, foram deixar ele até a porta, ela disse:

Princesa: _ Meu pai, chama um alfaiate aí.

Aí ele veio e ela disse:

Princesa: _ Tira a medida desse moço aí!

E eles se casaram.

FIM DA HISTÓRIA

O pretinho João e a princesa Belinha

Era um carvoeiro ele tinha um filho e o nome do filho era João. E tinha um rei que era casado com uma princesa e tinha uma filha, tá vendo? E então eles se gostavam, mas não eram namorados, eles tinham uma amizade, não é! Então o velho se enraivou com o menino, aí e se enraivou com o menino, se enraivou com o menino, que não queria mais que ele morasse lá porque ele morava no reino, no palácio, e o velho, o carvoeiro, que era pai do pretinho, morava lá embaixo, na praia, na beira de um brejo, né? Então, ele pensou o quê ele havia de fazer. Ele chamou uma cartomante, um botadeira de carta para saber qual a sorte da filha dele. Aí a mulher disse:

Cartomante: _ Olhe, sua filha, custe o quê custar a coisa vai apanhar, ela vai casar com esse menino. Ela é branca, é filha de rei, mas a sorte dela é casar com ele.

Rei: o quê dona? É verdade?

Cartomante: é verdade.

Rei: ôxe.

Cartomante: custe o que custar ela vai casar com esse menino.

E ela, o nome dela, era Belinha Silva, e elas chamavam pra ela Silva, só Silva.

Rei: _ Silva vai casar com esse imundo, com esse nojento! Não vai não, não vai que palavra de rei não torna atrás.

Aí ele ficou injuriado. E eles foram crescendo, ele estudando em colégio de pobre e ela estudando em colégio de rico. Mas ele prendeu ela, mas pagou a professora para ensinar ela em casa, daí pra ela subir só pro mirante, pro quarto dela sem sair pra ver ele, só botava a cabeça de seis em seis meses, que ele via ela. Então eles fizeram uma carta, ela pra João Nunes e ele pra Bela Silva. Então, ela ficou com

a carta dele e ele ficou com a carta dela, uma cartinha de lembrança. Mas isso foi um segredo pra eles pegarem essa carta. Ele disse assim:

Rei: _ Mulher, eu vou pedir esse pretinho.

Mulher do Rei: _ Pra que tu vai pedir esse pretinho, o homem tem só esse filho e ele tá ficando velho, com certeza precisa dele pra fazer uma caeeira e pra quê tu vai pedir?

Rei: _ Eu vou pedir.

Aí, ele falou com uns pescadores. Foi nuns ourives, mandou fazer uma purcita, uma caixa de ouro, uma caixa grande com um cadeado, toda de ouro e falou com os pescadores pra fazer esse serviço, botar ele nos ancião. Mas isso demorou tempo, ele preparou essa caixa, mas não botou logo e a piquena estudando e ele quando viu o piqueno ele escondeu o piqueno no mato. E a piquena lá no sobrado, só vinha aqui embaixo estudar e subia. Não saía aqui fora. Quando ela estudava a casa era fechada e as lâmpadas acendidas. Aí tava cada qual com seu bilhete, ele com o nome dela e ela com o nome dele, mas isso foi um segredo que não teve quem soubesse não, só eles dois. Eu não sei como foi que entregou. Tá bem, aí ele foi e disse assim:

Rei: _ Carvoeiro, eu vim aqui _ o nome dele era Raimundo; Raimundo, eu vim aqui pedir teu menino pra mim mandar educar.

Raimundo: _ Não, eu não dou porque eu tenho só esse filho e ele é minha companha e eu não dou.

Rei: _ Não, mas eu quero educar ele igual como eu educo minha filha, minha filha é bem formada.

Raimundo: _ Olha, hoje eu não dou essa decisão, tu vem amanhã, ou qualquer hora que tu tiver desocupado que eu te dou essa decisão de sim ou não.

Aí ele saiu e a mulher disse:

Mulher: _ Rapaz, não dá teu filho pra esse homem que esse homem vai matar nosso filho, ele não gosta de nós!

Ele disse:

Raimundo: _ É.

Quando foi um dia, mais tarde, ele chegou. Aí chegou e perguntou:

Rei_ O quê resolveu?

Ele disse:

Raimundo: _ Até hoje eu não resolvi nada.

Rei: _ Mas vocês estão pensando que eu vou judiar com seu filho? Não vou não! Eu quero mandar fazer o mesmo que eu faço com a minha filha.

Aí ele confiou na palavra, garrou e deu o menino e ele levou pra casa. Aí ele perguntou pra ele:

Rei: _ qual o teu dedo indicador?

O pretinho disse:

Pretinho: _ É este.

Ele cortou o dedo bem aqui na junta, mandou um enfermeiro curar até sarar. Ele guardou o dedo e pegou o dedo e guardou, e ele escreveu na porta do palácio, por fora: “desmanchei o que Deus fez”, por fora e por dentro. Aí chamou os pescadores e entregou o rapaz que tava já apático e a caixa. Quando chegou no mar, eles botaram ele na caixa e fecharam e ele levou o bilhetinho dela, que ela tinha dado, isso bem escondido porque eles não se viram mais. Levou só uma roupa. Aí jogaram lá nos ancião do mar. Quando chegou o rei procurou:

Rei: _ Você botou?

Pescador: _ Botei sim senhor.

Aí garrou quatro pataca e pagou os pescadores. Aí a menina ficou triste porque viu que foi ele que levou o menino, o noivo dela, o namorado dela, aí ela ficou compiedada. Ela estudava mas não tinha vontade de estudar, estudava já assim, estudando pouco e a professora não dizia pra ele e ele perguntava pra professora:

Rei: _ Ela tá indo bem?

Professora: _ Tá sim senhor.

Ai passou, passou. E tinha um casal de pescador, velhinho e pobre, que fizeram um barraco na beira da praia. Um dia, o pescador todo dia ia pescar, apanhava aquele peixinho, vinha e eles comiam, o casal de velho, com farinha, tinha dia que tinha um arrozinho, tinha dia que tinha um milhinho e dia de não ter nada o que comer. E tinha um cachorrinho. Um dia ele saiu pra pescar, quando chegou lá, ele viu aquela caixa grande, e os âncião subindo e descendo, toda cheia de limo, aquela bicha redonda. Ele ficou admirado, assim, olhando e o cachorro sentou na praia, baixou, e ele ficou olhando parado, inté na posição que ele pode ir, com água aqui na cintura garrou, arrastou e botou pra terra.

Pescador: iih, olha! Um cofo!! Uma caixa! O quê tem aqui nessa caixa? Um cadeado!

Mas chave não tinha, né? Fechou, botou o cadeado e tirou a chave. Aí ele botou pra terra, foi buscar umas pedras, caiu de pedra, caiu de pedra, caiu de pedra e quebrou o cadeado. Levantou a tampa, o rapaz tava dentro. Vivinho! Aí o velho se espantou, espantou o velho aquela pessoa! Aí ele disse:

João: _ O senhor tem água?

Pescador: _ Não aqui não tem não.

João: _ Senhor pelo amor de Deus me arrume um copo d'água, eu tô quase morrendo de sede, nem tanto de fome como eu tô de sede.

Pescador: _ O senhor quer me esperar?

Ele disse:

João: _ Quero.

Pescador : _ Então me espere que eu vou pegar um bocado d'água.

Correu em casa e trouxe uma garrafinha com água pra ele e disse:

Pescador:_ Mulher eu achei um menino, um rapaz dentro de uma caixa, uma caixa velha, uma caixa preta e ele tá morrendo de sede.

Aí ela perguntou:

Mulher:_ E aonde está o menino?

Pescador:_ Tá lá na praia.

Mulher:_ Ah, eu vou também.

Ele disse.

Pescador:_ Não, não tu não vai.

Ela disse.

Mulher_eu vou.

Chegaram lá, levantaram a tampa, o menino saiu, bebeu água, tomou benção pra eles, chamando de papai, mamãe.

João:_ Aonde eu estou?

Ele disse:

Pescador:_ Nós tamo no reino que vai não torna.

João:_ É mesmo?

Pescador:_ É. E o senhor vai comigo.

João:_ O senhor quer me levar pra sua casa?

Pescador:_ Eu lhe levo, caso o senhor queira acompanhar comigo.

João:_ Só que eu não tenho nada, eu não tenho nada. Mas eu quero levar essa caixa, esse volume que eu trouxe.

Aí o velho levou a caixa e ele levou a tampa. Aí chegaram em casa, foram na beira de um brejo, foram arear, passaram o dia todinho areando, foram tirando aquele limo e foram descobrindo que era só ouro, tudo amarelinho, bonito, né? Aí descobriram tudinho. Aí eles vieram pra casa com ela, botaram no sol, enxugou. Aí, quando foi na hora de comer, não tinha comida, o velho não pescou! Porque pra salvar

ele, né? Não pescou. Aí fizeram por lá uma farofinha, uma besteirinha. Leite não tinha. Aí no amanhecer do dia, farinha pra fazer mingau, não tinha, tinha um pouquinho de arroz, fizeram aquela sopinha, cada um comeu uma xicrinha. Aí ele disse assim:

João: _ meu pai aqui é longe de quitanda?

Ele disse:

Pescador: _ meu filho é pouco.

Disse:

João: _ Meu pai, vamos fazer um negócio, nós vamos cortar essa caixa, essa tampa, tirar mais ou menos o volume de um quilo, o senhor vai no comércio vender isso e troca por umas coisas pra nós comer.

O velho disse:

Pescador: _ Meu filho como é que vai ser isso?

O filho:

João: _ Nós vamos fazer e o senhor vai. Vai mas não faça logo, conversa primeiro, primeiro conversa com o moço ou a moça, seja lá quem esteja, e procura pra ele se ele compra com objeto trocando com agente. Se ele disser que troca, aí você abre o cofinho e mostra pra ele. Se ele concordar que troca, o senhor troca por açúcar, café, farinha, arroz, feijão, sabão, coisa pra casa! E veja quanto ele lhe dá de troco.

O velhinho bateu pra lá. Chegou lá, o homem não tava, tava a dona, ele falou com ela, e ela disse assim:

Dona: _ Olha, inté que ele faz muito negócio aqui, mas ele não tá em casa e eu não sei como vou lhe responder, o senhor quer é agora?

Ele disse:

Pescador: _ Eu quero é agora.

Ela disse:

Dona: _ Tá bom, então você vai levar.

Aí ele pesou açúcar, café, arroz, feijão, sabão, querosene, tudinho e disse pra ele assim:

Dona: _ Vamos pesar esse objeto.

Ele deu um quilo. Aí ela disse:

Dona: _ Olha, o valor disso aqui é cem dólar.
Que dizer, era cem derreis, cem dólar, né?

Dona: _ Mas o valor da compra é cinqüenta, o senhor vai levar cinqüenta.

Aí deu o dinheiro pró velho, botou tudo no cofo as coisas e chegou em casa entregou pra ele. Aí passou uns dois dias e ele perguntou:

João: _ Meu pai lá não tem fazenda?

Pescador: _ Tem, tem roupa feita?

Disse:

João: _ Então o senhor leva outro pedacinho e vai comprar roupa.

Porque era tudo nu, tanto o velho como a velha, não tinham roupa, eram nu, era tudo nu. Aí comprou a roupa, tudinho, ajeitaram, tiraram a roupa pra ele, pra eles tudo, pros velhos, pra moça, pro mocinho, aí compraram a roupa. Aí ele disse assim:

João: _ Meu pai me conte essa história do seu caso, como foi que o senhor veio pra cá?

Ele disse:

Pescador: _ Meu filho, eu vim pra cá porque eu era muito pobre, eu não tinha como ficar com as pessoas que tinham meio de vida, eu não tinha. Eu então procurei o meu

ranchinho em beira de praia pra agarrar uns caranguejo, um siri, um peixinho e comia. Agora só que eu passava má da farinha, mas que do peixe não.

Ele disse:

João: _ Mas que de hoje em diante nós vamos mudar, nós vamos passar melhor.

Aí ele mandou vender um outro pedaço, mandou comprar um fardo de arroz, mandou comprar um paneiro de farinha, um quilo de café, um quilo de açúcar, coisa maior, pra eles comerem, aí foi dotando o velho. Quando foi um dia ele disse:

João: _ Meu pai, eu vô mim'bora.

Aí apareceu um urubu lá, e aí ele chamou o urubu e disse pro urubu:

João: _ Urubu tu passaste algum dia no reino do Bonfim?

Urubu: _ Eu quando era novo, eu ia muito lá, mas agora, depois de comer defunto, não.

João: _ E é muito longe?

Urubu: _ É muito longe.

João: _ E como é pra ti me levar lá?

Urubu: _ Ah! É muito difícil, é muito difícil, eu não me garanto de lhe levar lá. Mas eu tenho um companheiro, que é mais novo, talvez ele passe por lá.

E ele convidou o companheiro. Primeiro ele desapareceu, quando foi um dia ele disse:

Urubu: _ Olha João, tá aqui o companheiro.

João: _ Urubu, tu não sabe pra que rumo fica o reino do Bonfim?

Ele disse:

Urubu: _ Eu sei.

João: _ E tu te garante me levar lá?

Urubu: _ Olha, eu me garanto te levar lá, se eu comer um mês bem alimentado, de porco, boi, eu te levo lá.

Então eles ficaram. Aí ele foi comprar porco, comprava boi, um porco, um boi. Caiu as penas, aí de pena nova, tanto o novo como o velho. Quando foi um dia ele disse assim:

Urubu: _ João, tu fica aqui no meio da rua e eu vou fazer um treino pra mim ver se eu avisto o reino. Eu vou retinho pra cima e tu fica olhando intê eu sumir, quando eu sumir e tu não me olhar mais, eu tô avistando o reino, mas enquanto tu me ver eu não tô.

João: __ Tá certo.

Aí fez um mês, ele se mandou, se mandou, foi embora, foi embora e ele foi olhando pra riba até ele sumir, quando foi no outro dia ele chegou, ele disse:

Urubu: _ Eu ainda não cheguei lá.

Ele disse:

João: _ Não foi lá? E o quê te falta mais?

Urubu: _ Me falta mais, mais dois bois.

Ele vai no campo, comprou dois bois e deu pro urubu. O urubu comeu os dois bois, aí ele disse:

Urubu: _ João, o que que tu quer? Como é que tu quer?

Ele disse:

João: _ Eu quero ir no reino do Bonfim.

Urubu: _ Tu queres ir no Reino do Bonfim? Tu tem algum caso lá?

João: _ Não, eu não conheço ninguém lá, eu tô assim, na minha cabeça eu quero ir lá.

Ele disse:

Urubu: __ é, e o quê que tu quer levar?

Ele disse:

João: _ Eu vou levar um cofinho com umas quatro coisas que eu tenho.

Aí ele cortou a purcita e tirou quatro pedaços do ouro e o resto deu pros velhos, pros velhos comer até a infância. Aí ele disse assim:

João: _ E é pesado?

Ele disse:

Urubu: _ Eu não sei, vamos ver.

Aí agarrou.

Urubu: _ Esse aqui o companheiro leva e eu te levo, mas só que tu te prepara que nós vamos viver ou morrer, porque a viagem é longe e é arriscada, nós vamos sair seis horas amanhã.

Quando deu seis horas, agarraram, a velha ficou chorando, o velho chorando, se despedindo dele, abraçando, cheirando ele, pedindo pra ele não fazer isso, que era uma injustiça, que era uma tristeza, que ele achou ele sujo, tiraram da praia e era uma coisa muito dóida pra eles. Mas ele tinha que cumprir a sua sina, mas não dizia o que ele tava fazendo né? Ele com a mão no bolso, a mão dele não saía do bolso, ninguém via a mão dele, a mão direita do dedo indicador, era só guardado, tudo dele era com essa mão. Aí seis horas da manhã, quando foi meio dia, ele baixou numa baixa aí sentou no buritizeiro e mandou João sair das costas dele, ele desceu, bebeu água e perguntou pra ele:

Urubu: _ Companheiro tu quer água?

Ele levou a garrafinha, dentro do cofo, aí ele agarrou a garrafinha foi lá no lago, encheu de água, levou pra ele, ele bebeu, descansaram, quando foi uma hora, ele disse:

Urubu: _ Vamos embora!

O outro companheiro que levava a bagagem já tinha ido embora, aí ele montou e disse:

Urubu: _ Vamo embora.

Aí foram embora, avoaram, avoaram. Anoteceu, quando foi seis horas, o companheiro dele esperou, eles rezaram, e disse que ele não ia deixar ele dormir em galho de pau porque ele não tinha como dormir, eles dormiam, mas o João não dormia, porque é gente, dormia e caía. Amanheceu o dia, eles desceram, aí ele montou, foram sim'bora pra lá. Quando foi cinco horas ele chegou. Chegaram lá e tinha uma casinha de uma velha que tinha uma neta. Tavam com fome.

Velha: _ E o quê que eu vou fazer para vocês? Eu não tenho nada aqui, eu não conheço nada?

E aonde ele tinha nascido era nesse reino do Bonfim, tá entendendo? Ele tinha saído de lá garoto, mas lá é que ele morava. Tá certo, aí ele falou com a velha, pediu hospedagem, a velha achou ele bonito e ela tinha essa neta, também jeitosa, ela pensou:

Velha: _ Ah ele vai casar com minha neta!

Aí ele perguntou:

João: _ Minha avó, por aqui é ruim de comprar uma comida?

Ela disse:

Velha: _ Não meu filho, tu pode me dar o dinheiro e tem comida.

João: _ E porco, é fácil?

Velha: _ Não bem aí nessa fazenda aí tem é muito porco.

João: _ Então a senhora compra um porquinho aí de uns duzentos quilos.

Ela foi comprou o porco, mandou matar e deu pros urubu. Deu um pedacinho pra ele, tinha um quarto onde ela fazia comida, ela disse:

Velha: _ Oh meu filho não dê essa comida pra esses urubus! Vamos trazer pra casa que eu não tenho nada pra minha netinha!

João: _ Não, eu tenho o meu contrato. Eu tenho meu contrato de toda vez que eu chegar, eu dá uma ajuda pros companheiros.

Mas ele sem dizer o que ele tava fazendo e nem quem tava ajudando ele. Tá certo. Aí dormiu. Quando foi de noite, a velha puxava conversa pra ele, a moça também. Mas ele também não tava ligando em muita conversa, só agasalhado ali. Quando foi depois, na madrugada, ele disse assim:

João: _ Minha avó aqui é muito difícil a gente passear?
Ela disse:

Velha: _ Não, não é. Por que?

João: _ Porque eu amanhã quero passear.

Velha: _ É não é difícil passear. Aí tem um reino bonito, tem um palácio, um rei, tem uma princesa, a Belinha, muito bonita, muito famosa, mas só que ela bota a cabeça de seis em seis meses na janela do mirante. Ela estuda em baixo e sobe, de seis em seis meses ela bota a cabeça na janela do mirante e quem tiver a sorte de ver ela e que não tiver.

Pouca gente tinha tido. E ele com o nome dela, tá entendendo como é a história? E ela com o nome dele! Quando foi de manhã, andou, com a mão no bolso, passou na porta do palácio e viu: _ Desmanchei o que Deus fez, o que Deus faz o homem desmancha. Aí ele olhou por lá, virou e foi embora, foi pra casa e também os urubu, comeram um pouquinho e puxaram a peia, não ficaram com ele não. E deitou na esteira, não tinha rede, com a mão no bolso, ele não tirava a mão do bolso. Aí passou uns dias, passou outros e ele disse pra velha:

João: _ Amanhã eu vou na casa do rei.

Velha: _ Meu filho, não vai não. Não vai não que esse rei é muito brabo, é estúpido demais, o senhor é escuro, lá só entra gente branco, gente ensapatado, gente empalitozado,

o senhor não está nada disso, o senhor não vai porque o senhor vai só morrer.

João: _ Não, eu vou lá, se não der pra mim eu volto.

Velha: _ Meu filho não vai se o senhor vai a fim de casar com essa moça, com a filha dele, o senhor casa com a minha neta.

João: _ Não, eu não tô a fim de casar. Não estou, eu não estou a fim de casar. Eu estou passeando.

Aí ele foi, foi na porta do palácio, tinha só uma pilha de gente. Aí ele bateu, ela veio e disse:

Dona: _ não. Pior do que eu! Não aqui não.

Aí ele voltou e foi na casa da velha.

Velha: _ Cadê o que o senhor arrumou?

João: _ Siô, eu vi uma dona que disse assim que pior do que ela, lá não entrava. Só ela mesmo.

Velha: _ Eu lhe avisei pro senhor não ir.

João: _ Mas eu vou lá.

Quando foi no outro dia ele saiu, de manhã, chegou lá ele bateu, a mesma dona veio, chegou e disse:

Dona: _ O que o senhor deseja?

João: _ Eu quero falar com o rei, ele está?

Ela disse:

Dona: _ Tá, mas o senhor não fala com ele, você não tem conversa de falar com ele

João: _ Por que?

Dona: _ Porque você é moreno e aqui preto não entra.

Aí ele disse assim:

João: _ E isso aí que você tem aqui.

Ela disse:

Dona: _ É preto, mas não é minha pela.

João: _ Mas é seu cabelo, se você não tivesse nem um preto com a senhora eu liberava a senhora e também não vinha aqui, mas a senhora tem preto com a senhora, a senhora é bem limpa mas tem preto com a senhora.

Ela disse assim:

Dona: _ O senhor quer tomar gosto comigo?

João: _ Não, eu apenas estou respondendo de acordo com o que eu posso falar.

Aí ela subiu:

Dona: _ Então fique aí.

Aí chegou lá e falou com o rei:

Dona: _ Hei meu senhor, aí tem um pelinguinho que quer falar com o senhor.

Rei: _ Qual a cor dele?

Dona: _ Ele é moreno.

Rei: _ Moreno aqui não tem vez.

Aí ela disse:

Dona: _ ah, mas o senhor vai, talvez ele queira alguma coisa com o senhor, se o senhor não queira mandar ele subir, o senhor vai lá na porta.

Ele olhou pra cima, subiu, mas tava com o dedo dele guardado, né, torou, secou e guardou. Ela veio, e ele veio também e disse assim:

Rei: _ O senhor quer falar comigo?

João: _ Quero sim senhor.

Rei: _ O que o senhor deseja?

João: _ Eu queria conversar com o senhor mas dentro do palácio.

Rei: _ Mas não tem como o senhor entrar.

João: _ Por que?

Rei: _ Por que você a cor é morena e aqui só entra branco.

João: _ Mas aqui também entra preto.

Ele disse:

Rei: _ Aqui preto não entra.

João: _ E o quê que você tem na cabeça?

Ele disse:

Rei: _ Esse porque nasceu comigo.

João: _ E eu também nasci com essa, você nasceu com esse e eu também nasci com essa, só o que é preto mesmo é a pele, mas que o sangue nosso são igual.

Ele disse:

Rei: _ Olhe, eu não quero conversa senão eu mando lhe condenar.

Ele disse:

João: _ Condenado eu acho que estamos nós dois.

Ele resistiu.

Rei: _ Você quer conversar comigo?

João: _ É eu quero é conversar com o senhor, me diga o quê que é que tá dizendo esse leiteiro aqui?

Ele disse:

Rei: _ Neguinho, o senhor veio se divertir comigo?

Ele disse:

João: _ Não, porque eu estou olhando essa coisa que está assinado aí e eu queria saber o quê que significa isso.

Ele disse:

Rei: _ Já que você quer se divertir comigo, entre que o senhor está já na bala.

João: _ Tudo bem, eu tô aqui para o que Deus quiser.

Quando ele entrou, que passou do portão pra dentro,

tava escrito no salão, “desmanchei o que Deus fez e o que Deus faz o homem desmancha”. Ele disse:

João: _ Mas rei meu senhor, me diga o que é isso aí.

Ele disse:

Rei: _ Você quer saber o que é isso aí?.

Aí ela desceu. Ela desceu. Aí ele disse:

Rei: _ Olha, porque aqui é meu, aqui é o reino do Bonfim, e quem manda é eu porque eu é que sou o rei daqui, o que Deus faz eu desmancho. Eu tenho uma filha e o carvoeiro tinha um filho então eu chamei uma cartomante, uma botadeira de carta, ela disse que a sorte da minha filha era casar com esse filho de carvoeiro, um carvoeiro pobre, lascado, sem nada, eu achei que isso era uma injustiça, minha filha, filha de um rei, rica, filha única, dona do palácio, dona de todos os meus bens, meus benefícios, eu achei que era uma injustiça.

João: _ E o que o senhor fez pra esse menino?

Rei: _ Eu pedi ele, eles não quiseram me dar, mas eu acertei com eles, eles me deram e eu tirei o dedo dele, mandei a enfermeira curar, sarou, eu mandei fazer uma purcita de ouro, uma caixa redonda, botei um cadeado e falei com uns pescadores pra soltarem no ancião. E até hoje eu não tenho notícia dele, acho que ele morreu e eu não tenho como saber dele e a minha filha que tá aqui.

João: _ O senhor guardou o dedo do menino?

Rei: _ Eu guardei.

João: _ O senhor tem ele por prova?

Ele levantou, o pretinho levantou e disse:

João: _ o nome da sua filha como é?

_ É Belinha.

Disse:

Rei: _ E o seu?

João: O meu é João Nunes.

Disse:

João:_ Chame sua filha aqui.

Rei:_ Você quer é conversar com a minha filha?

Ele disse:

João: Não, nós não tamos conversando, né? Nós temos que conversar é assim, nós não vamos brigar, o senhor não vai me dá-lhe, eu não vou lhe dá-lhe, porque eu tô errado em lhe dá-lhe. Aí ele chamou ela, ela desceu, aí ele disse assim:

João:_ Doutor, se eu lhe provar duas coisas, eu serei rejeitado ou recebido?

Ele disse:

Rei:_ Conforme seja.

Ele disse:

João:_ Dona Belinha, mostre o meu nome para o seu pai e eu vou mostrar o meu para a senhora. E tá aqui o meu dedo que o senhor desmanchou e tá aqui minha mão que você arrancou o meu dedo.

Aí o rei [PRUFE!] caiu numa vertigem, aí ele ficou verde, levantaram ele, deram água. Aí ele disse:

Rei:_ Agora eu vi um homem, eu desmancho esse nome da minha parede porque o que Deus deixou no mundo não tem quem desmanche, o homem não é pisador como Jesus no céu, eu tenho direito de enfrentar toda barra, de hoje em diante o senhor será dono do meu palácio, tá aqui minha coroa, o senhor vai ser o rei e eu vou ser seu empregado.

Ele disse:

João:_ Olha, o senhor por ser mais sabido do que eu, mas tá aqui um pouco da minha riqueza, que o senhor mandou fazer essa uma purcita de ouro, me botou num ancião, um

velho me ajuntou, me criou, me tratou e eu reparti a riqueza com ele, tá aqui o resto.

Aí o rei deu o palácio, casou com a menina e foram fazer vida e o que Deus faz não tem quem desmanche, né? E quem salvou ele foi o urubu, era o anjo da guarda dele era o urubu. Por causa de que? Porque ele sofreu e nunca chamou um nome, nunca desejou uma besteira, sempre passando aquelas injurias, mas se entregando a Jesus, toda a devoção dele era se salvar e não se perder. E Deus ajudou ele que ele foi casar com a menina e ela tinha o nome dele, ele tinha o nome dela e aprovou com o pai, eles se gostavam sem se comunicar. Agora como foi essa carta lá pra cima e veio de lá pra baixo, que de lá pra baixo era mais fácil de vir, né, porque de lá era só cair e daqui pra lá? Quem foi que levou? Esse anjo da guarda foi que entregou pra ele.

FIM DA HISTÓRIA

O peleguinho e o pássaro que canta e chora

Então, foi o caso de uma senhora com um senhor. O nome dela era Joana, ele era Martinho. Casados, muitos anos levaram namorando, aí casaram. Com muito gosto dos familiares deles, de pai e de mãe, tinham muito gosto deles casarem. Aí depois de muitos anos ele era fazendeiro, era quase que um rei, né? Era uma pessoa bem de vida. Mas também a família dela não era ruim, eram pessoas também adiantadinho. Aí ela ficou grávida, teve um filho, um rapaz por nome José, o primeiro. Aí ficou boa, depois ela teve outro, Raimundo. Mas quando ela teve o Raimundo ela foi ficando doente, assim um tanto triste. Mas então por que esse tempo ela ainda ficou grávida de outro. Teve outro menino por nome João. Quando ela teve o João, ela morreu. Ela, muito fraca, e ele ficou fraquinho, maguilinho, quase que não levanta, mas como eles tinham empregada, porque ele era bom de vida, então alevantaram o João. Ela deixou ele encolhidinho, não ficou assim desembaraçado como os outros que ficaram grande, os outros ficaram altos, ficarão fortes, ele ficou assim. Então, com tempo o velho ficou triste, devido a mulher ter morrido, ter deixado as crianças e ele ficou assim vagaroso, vivia só choroso. Com isso os olhos inflamaram e cegou. Passaram anos que ela morreu aí ele ficou triste, se impressionou porque ela era uma boa mulher, mas morreu, deixou os meninos com ele e ele então só vivia chorando, os olhos inflamaram, cegou. Mas os padrinhos deles eram pessoas boas, pessoas de ler, saber, e o último filho, que era o João, os padrinhos foram Santo Antônio com Nossa Senhora. Ela fez promessa para ter o menino, mas ela morreu. Mas o pai não negou, entregou mesmo para Santo Antônio e Nossa Senhora para serem os padrinhos do João, do amarelinho, né? Hunhum, tá bem! Aí o velho pegou, agora que ele chorava, agora que ele chorava, maquinava

muita coisa, tinha muito dinheiro, muito gado e muito trigo, tinha empregado, mas não podia ver nada, só ouvia. Bom, ele tinha um compadre que era rei também, quando foi um dia o compadre veio visitar ele. Visitou ele e disse:

Compadre: _ Compadre, eu vou mim'bora, eu não posso ficar com senhor e não posso lhe levar porque o senhor tem sua fazenda, tem suas coisas e o senhor está mal da vista, mas está vivo e se eu lhe levar para lá o senhor não ouve, e além de não ver não ouve, porque tá longe! O senhor vai ficar por aqui. Mas que atrás tem uma pessoa que vai lhe aplicar um remédio.

Aí ele foi embora. Aí ficou, chorando, triste, dia de jantar, dia de não jantar, dia de almoçar, dia de não almoçar, só chorando, pensando na vida dele. Não, conheceu mais uma pessoa.

Uma pessoa: _ Martinho, mas como tu tá rapaz?

Ele disse:

Martinho_ Rapá, eu tô numa situação muito triste.

Uma pessoa: _ Triste?

Martinho_ Tô. Eu não enxergo, só ouço mas não enxergo, não sei que o eu possuo mais, ouço mas não vejo.

Uma pessoa: _ Olha Martinho, tem um remédio que pode te fazer bem, se tu mandar apanhar água do pássaro que canta e chora no Reino de Vai e Torna, mas só que é muito longe, só que é muito longe para ir lá panhar essa água do pássaro que canta e chora, é pra tirar essa água quando ele tiver cantando e chorando, mas é muito arriscado ir lá. Mas pessoas que forem lá, se forem contente com Deus, vai lá, mas se eles não forem não vai.

Tá bem, aí o filho mais velho disse assim:

José: _ Meu pai, amanhã eu não vou, mas logo depois de amanhã eu vou.

Martinho_ Vai mesmo? Tudo vai?

José:_ Vou.

Então, ele chamou a empregada e disseram:

Martinho_ Olha empregada, de manhã tu garra mata o melhor capão, mata e prepara a comida para ele levar a merenda.

José:_ Não, meu pai, eu não quero não, merenda eu não quero não, eu quero apenas...

Ele disse:

Martinho_ Meu filho, o quê que tu quer levar?

Ele disse:

José:_ Eu não quero nem muita bênção e nem muito comer, eu quero é muito dinheiro.

Martinho_ É meu filho, então vai aí na burra, que eu não dou conta de ir lá, e tira o quanto tu quiser.

Aí ele foi lá, no depósito de dinheiro, na burra, pegou quanto ele quisesse. Quando ele chega na estrada, ele escutou uma voz:

Uma voz:_ Com esse tempo! Tu vai viajar? Olha tem cuidado em tua viagem. Aí na estrada tem duas encruzilhadas, tem vai e torna e tem vai e não torna, tudo depende por onde tu vai pra trazer água pro teu pai .

José _ Eu não quero saber de conversa fiada e eu vou para onde eu entender de ir.

Chegou, tinha uma pedra branca, bem na boca da pedra tinha um nome: “Vai e Torna, acabado não torna”. Aí desceu no Vai e Não Torna. Desceu, foi embora. Quando chegou lá no meio achou uma festa, aí com dinheiro achou muitos colegas, muitos colegas animados.

Colegas:_ Ah! Meu colega chegou, meu colega chegou, meu colega chegou! Rapariga e aquela coisa toda.

O dinheiro do homem acabou. Então, a pessoa que explicou pra ele, disse que só valia, a viagem era de um mês, a ida e a vinda, pra apanhar um remédio lá, tá vendo? A viagem era de um mês, a ida e a vinda. Mas aí como ele não esperou o espírito contar como era pra ele fazer, o espírito não disse como era pra ele fazer. Aí marcou um mês, ele não veio e o velho gritando com os olhos. O segundo filho disse:

Raimundo: _ Eu vou meu pai, eu vou buscar o remédio do homem.

Martinho: _ Meu filho não vai! Não vai que tu não vem, o outro foi não veio, tu não vai me deixar sozinho.

Raimundo: _ Não meu pai, eu vou! Eu vou e eu trago.

Aí, disse a mesma coisa do outro, o mesmo do dinheiro. Chegou na encruzilhada, puxou onde vai e não torna. Desceu, foi embora. Quando chegou lá achou o irmão, beberam, beberam e quando deram por fé tavam os dois perdidos. Venderam a camisa, venderam a calça ficaram só de cueca. Fez dois meses, um mês cada um. Aí quando fez dois meses um velho chorava, chorava pelos filhos e chorava pela vista. Aí João disse:

João: _ Meu pai, amanhã se meus irmãos não vierem eu vou.

Martinho: _ Ah meu filho não o vai, não vai porque de todos tu é o pior, é o meu caroco dos meus olhos, é o meu caçula, é o doente, não vai!

João: _ vô, vô sim senhor!

Aí ele chamou a empregada e disse:

Martinho: _ Olha, mata um frango e faz a merenda, pra João levar, porque João é muito fraco e João tu vai no campo, manda os empregados panharem o meu cavalo, porque tu não vai a pé, tu vai montado no cavalo.

Empregada: _ Sim senhor!

Quando foi de manhã, ele levantou, a empregada foi pegar merenda, ele garrou umas bananas, foi onde o pai dele pedir benção. E o pai dele perguntou:

Martinho: _ Meu filho quê que tu quer? Muita benção e pouco dinheiro ou muito dinheiro e pouca bênção?

João: _ Meu pai, eu quero muita benção e pouco dinheiro, eu quero só um pouquinho de dinheiro pra mim não ser pagão, agora benção muita eu quero, me abençoe demais, que eu quero viajar com Jesus.

Ele abençoou, toda qualidade de benção ele botou pra ele, deu 4 mil réis pra ele. Quatro moedinhas, né? E a merenda e o cavalo pra ele montar. Aí ele foi embora, quando chegou no caminho, antes de chegar na seta, ele topou com um velho todo enferidado, o velhinho veio caindo todo de uma perna, caçando. Chegou. Henheim, e espera que os outros esculhambaram com o velho, queriam bater no velho, que o velho tirando com as palavras dele, queriam bater no velho. E então ele disse:

Velho: _ Vão que vocês não alcançam.

Aí quando ele viu isso aí, ele parou, apeou do cavalo e pediu para ele montar, para ele ir com ele. Ele disse:

Velho: _ Não, o senhor leva comida aí?

João: _ Levo sim senhor.

Velho: _ O senhor pode me dar um pouquinho ?

João: _ Dou sim senhor. Senhor está com fome?

Velho: _ Tô.

João: _ Se sente, que eu vou lhe dar.

Deu pra ele, ele fez que comeu, porque ele não comia! Ele fez que comeu, agradeceu. Aí ele disse:

Velho: _ Olha João, tu vai. Tu vai, quando chegar bem na encruzilhada que tem uma pedra branca, sabe ler meu filho?

João: _ sei sim senhor.

Velho: _ Tu vai para onde “vai e torna” e não vai para onde “vai e não torna”, porque pra onde vai e não torna, não vem, e para onde vai e torna, tu vai lá e volta. Mas olha, quando tu chegar no campo, que sair no campo, tu acha eles arrastando um defunto, gritando, eles arrastando um defunto, aí tu procura: Por que isso aqui?

Isso aqui porque quem morre e sai devendo uma custa, pra pagar amarra uma corda no pescoço e sai se arrastando no campo, até ficar só a caveira. Ele disse:

Velho: _ Olha , manda pagar, manda pagar, agarra uma moeda e paga a custa do homem e manda soltar ele, não manda enterrar e ganha o campo. Quando chegar mais adiante, tu acha uma penca de banana, aí tu leva. E o cavalo, aonde tu encontrar pessoas arrastando cofo, tu deixa o cavalo, solta teu cavalo. Não vai manter o cavalo, vai aparecer outro, tu monta no outro. Mas antes de tu montar, tu vai achar a penca de banana, aí tu leva a penca de banana contigo. E esse cavalo te leva até na porta do palácio. Lá ele apara e tu desapeia, solta ele. E tem uma serpente, ela vai tá deitada com a boca pra fora e o volume pra dentro. Tu não tem medo, tu garra esse maço, essa penca, e bota na boca dela e tira o maço de chave, que ela não te bole, que essa penca ardomece ela, que ela não te bole. Aí tu mete primeiro no primeiro quarto, se tu meter tem uma mesa posta, uma mesa posta de todas as frutas, mas tu não vê gente. Aí uma pessoa diz assim:

Uma pessoa: _ Moço , tu pode tomar o banho, tem um banheiro aí, tudo pode banhar, de lá também você pode almoçar.

Mas ela diz assim:

Uma pessoa: _ Toalinha bota a mesa torcida para esse moço. O senhor come do que o senhor quiser.

Ele ouvia falar, mas não via gente. Aí ele abriu outro quarto. Tinha uma laranjeira de ouro, com três frutas, todas feitas de ouro. Ele trepou, quando chegou lá que ele panhou a laranja, o pé dele agarrou, ele puxou o canivete, cortou o solado do pé. Desceu com a fruta. Mas, abriu o outro quarto, tinha uma moça por nome Isabel, uma moça bonita! Tu diz:

João: _ Quando eu vier, eu te levo.

Aí abriu o derradeiro, o pássaro tava cantando e chorando. Aí ele pegou o vidrinho, encheu o vidro de lágrima e meteu no bolso e disse:

João: _ Agora eu te levo.

Garrou a gaiola e veio com ele. Trouxe o passarinho, trouxe a moça, levou a laranja e trouxe a toalha, que tava em cima da mesa, que botava a mesa. Ele levou a toalha. Veio embora. Quando chegou lá, ele arriou o maço de chave, a penca de banana, o cavalo tava esperando ele na porta, ele montou no cavalo e veio embora. Quando chegou aonde ele deixou o dele, o dele tava lá, aí e ele deixou esse que levou ele e montou no dele. Quando chegou no lugar, que ele vinha pra se salvar, ele entendeu de descer no caminho que “vai e não torna”. Chegou lá, achou os irmãos. Aí os irmãos:

Irmãos: _ Ah! Meu irmão! Meu irmão!

Ele já vinha com tudinho pra casa, com o remédio do velho. Aí ele decidiu descer por essa estrada e achou os irmãos.

Irmãos: _ Meu irmão, meu irmão e me dê uma bebida?

Ele disse não, mas tinha mil réis, beberam, ajeitaram a roupa e:

Irmãos: _ vamo embora, vamo embora.

Vieram. Quando chegou na estrada pra chegar na casa dele, ainda faltava um bocado pra chegar na casa do

velho né? Aí eles deram sede, uma sede muito enorme. E tinha um poço, grande na estrada tinha uma baixa grande, mas era fundo. E eles entenderam de botar o João dentro do poço, tiraram cipó pra botar o João dentro do poço pra tirar água pra eles beber. Aí o João desceu, puxou água pra um, puxaram e ele bebeu. Quando foi puxar pro outro, ele deixou pro outro e eles soltaram o cipó e ele caiu no poço. E levaram o cavalo, a moça, o passarinho e não levaram o vidro de remédio porque tava no bolso dele. Mas levaram passarinho chorando, né? Vieram sin'bora. Chegaram em casa, o velho perguntou:

Martinho_ Quedê o João?

Irmãos:_ Nós não vimos.

Martinho_ Não viram, meus filhos? Coitado de meu filho, morreu! Eu disse pra ele não ir porque ele tava muito amarelinho, muito cansado.

Aí eles tiraram a água do passarinho pra botar nos olhos do velho. Hum, não era assim, agora que o velho berrou! Agora que o velho berrou! Aí quando passou dois dias, mas o poço era fundo, mas a água não tava cheia, que a água dava bem na cintura. Daqui pra cima ele tava vivo, daqui pra baixo ele tava atolado que a água estava bem nisso dele. Aí chegou uma raposa. Aí andou pela beira do poço, e disse:

Raposa:_ Oh João, aí que tu tá João?

Ele disse:

João:_ É, humhum.

Raposa:_ Olha João, tudo que te mandam fazer, tu faz. Mas tem coisa que a gente não deve fazer não. A pessoa não deve ser teimoso. Tu foste avisado demais. Mas, eu vou te salvar João.

Aí foi, esticou rabo dela, intê a posição que ele garrou, ele garrou e ela puxou ele, quando tava pra salvar ele, ela berrou, ele soltou e caiu por terra, aí desceu.

Raposa: _ Rapaz porque tu soltou, rapá?

João: _ É eu soltei.

Raposa: _ Não, eu to gritando mas era pra ti tirar.

Aí ele tornou a botar e garrou, tirou ele.

Raposa: _ Vai tin'bora, que o teu pai tá quase morrendo. E eu, o quê eu sou?

João: _ Pra mim é uma raposa.

Raposa: _ Não, não sou raposa, eu sou teu anjo da guarda e sou aquele cadáver que tu achou no campo arrastando e tu pagou as minhas custas e eu vim de pagar hoje. Porque olha, o bem se paga com o bem. Quem bem souber, só faça o bem, não faz mal. Eu nunca fiz mal, mas fiquei devendo por não ter o dinheiro, fiquei devendo esse cruzado e eu tava pagando, me arrastando no campo. O senhor chegou e pagou minha custa, me soltaram e eu me salvei. E hoje eu vim te salvar. Olha, tu vai teu pai tá quase morrendo, botaram a água nos olhos dele, ele tá pior. Mas tu vai. Desde que você saiu a moça não falou mais, o passarinho não fala mais, tá injuriado, não fala mais. Mas quando o senhor chegar em casa que lhe olharem, a moça serre e o passarinho canta. Tu vai, chega lá tu destempera a água, bota nos olhos do velho, ele enxerga. Aí tu não diz nada pra ele e ele fica desconfiado contigo porque a moça vai rir e o cavalo vai rinchar e passarinho vai cantar. Quando fizer cinco dias, vai chegar um navio lá na praia de vocês, procurando quem foi. Vai chegar uma pessoa com um soldado, vai saltar e vai até a porta do palácio, procurar quem foi que foi no Reino de Vai e Torna. Então, o mais velho vai dizer:

José: _ É eu.

Raposa: _ Deixa ele ir. Deixa ele ir, quando ele chegar lá, ele não sabe dizer nadinha do que foi passado, ele fica preso. Passa três dias, eles vem buscar outro, o outro responde que é ele. Deixa ele ir, não diz para ele não ir. Ele vai ficar preso, ele não sabe contar o que foi que se sucedeu lá. Quando fizer três dias, tu vai. Conta tudinho, disse que tu viu, diz

o que tu fez e vem tim'bora. Eles vem te deixar outra vez. Quando chegar, aí ele pergunta assim:

Martinho_ Meu filho, o que foi que sucedeu?

Raposa: _Aí tu conta. Aí tu vai contar para ele que quem foi lá foi tu e trouxe todos os remédios pra teu pai, trouxe a moça, trouxe o passarinho, como que tu tirou a chave de lá da boca da serpente, como é que foi tudinho. O pouco que tu fez lá, tu conta. Aí tu leva lá teu pai. E diz para ele assim:

João: _ Papai, eu só quero que o senhor mande eles lavarem os meus pés, enxugar e calçar minha meia e eu vou embora. Cada qual enxuga um pé e eu vô mim'bora. Você enxerga e eu vou me embora.

Ele ficou choroso, chorou muito, mas:

Raposa: _ Tu vai.

Aí tirou comida pro passarinho, a toalha e a moça deixou com o velho. A moça tu não leva ou então tu vai deixar lá um dos dois. O passarinho tu leva e leva a guitarra, que eu vou te dar uma guitarrazinha pra tocar, pra ser a tua defesa _ isso foi o homem que tirou do buraco que contou pra ele. Aí ele veio, fez tudo o que tinha pra fazer e trouxe os irmãos. Eles foram lá no Reio, mentiram , mas ele trouxe todos os irmãos, não deixou os irmãos lá no Reino, não. Ele trouxe os irmãos com ele. Aí quando ele chegou o pai disse que era pra ele pegar a espada dele e degolar todos os dois. Ele disse que não fazia isso. Só queira que eles lavassem os pés dele, calçar as meias, calçar os sapatos, que ele ia embora. Aí o pai dele começou a chorar. Ele voltou, foi deixar a moça lá onde ele achou. Levou a guitarra e levou o passarinho e a toalha. Aí andou, andou, andou, andou, andou, andou, passarinho cantava, assoviava, queriam comida, a toalhinha bota a mesa. E chegou no Reino. Ele olhou:

João: _ Palácio! Aí ele chegou embaixo de um pé de árvore e botou a guitarra para tocar. E a bicha tocava, tocava tudo! Aí uma pelenguinha, uma empregada da princesa, lá

— tinha uma princesa que só queria ser. Andava só à pelintra, só bonitinha, húm! E o pai dela era já velho, vivia numa cama, já não andava mais. Toda vez que ele ouvia tocar, o velho dava uma balançada na cama. Dava uma balançada que era parapapá, parapapá e o velho dançando. E aí dança, dança. Dança, dança.

Pelenguinha: _ Gente o quê é isso?

Princesa: _ É meu pai, é meu pai.

Aí ela falou:

Princesa: _ Pelenguinha, vai ver o que é isso daí.

Aí ela foi, viu e disse:

Pelenguinha: _ É um pelenguinho que tá aí com uma festa que é uma beleza, debaixo de uma árvore, com bichinho desse tamanhinho, tocando senhora! Ele aqui só serve pra senhora, que é uma princesa, aquele homem do jeito que está não é pra está num ambiente daquele. E mais uma toalha que bota mesa assim, bota toda a qualidade de mesa.

Princesa: _ É mesmo?

Pelenguinha: _ É.

Princesa: _ Pede ele pra ele vender.

João: _ Não, não vendo não. Só se ela abrir a janela do palácio e for na missa com o pé no braseiro.

Porque ela só ia à pelintra, calçadona, bonita. Era pra ela aparecer menos devassa e com pé no chão, sem ser com o calçado. E ela disse que ela não fazia isso.

Pelenguinha: _ Ora senhora, faça isso que você vai receber.

Princesa: _ Tá bom!

Aí, ela com a cabeça da empregada foi na missa, botou pé na terra e foi na missa. E ele deu a guitarra para ela. Aí no outro dia, ele botou a mesa, o comê. Ela tornou a ir lá, olhar o quê ele tava comendo, daquela porção de gêneros. Ela foi lá olhar e ela voltou e disse:

Pelenguinha: _ Senhora, esse homem tem uma toalha que é uma beleza, tem toda qualidade de comida e a senhora não tem e eu não tenho essa qualidade de comida. Só serve pra senhora que é uma princesa, ele que é um pelenguinho com tudo aquilo!

Princesa: _ Pede para ele vender!

Ele chegou e disse assim:

João: _ Eu não vendo, mas dou se ela for com o cabelo assanhado e me der um abraço.

Ela saiu e falou só se a senhora for com cabelo assanhado pra ir na missa e dá um abraço pra ele. Aí foi e disse pra ela e ela disse que não.

Princesa: _ Ah isso não!

Ela é princesa! Ela queria abraçar o danado? Não queria né? Ela não quis. [risos]. Mas aí a mulher caiu com ela, caiu com ela, amoleceu ela. Ela se assujeitou. Foi pra missa com o cabelo assanhado e abraçou ele. Abraçou ele e foi sim'bora. Quando um veio passou e levou a toalha. E os outros que eram empregados, diziam assim:

Outros empregados: _ Não dê a toalha para ela! Não dê, que deixa que nós estamos se alimentando, não dê.

Aí ela levou, entregou pra ela. Aí ele chegou:

João: _ E agora como é que eu vou fazer com essa mulher? Ela já levou minha guitarra, eu tenho só esse passarinho! Esse passarinho vai ser minha defesa. Aí ele botou o passarinho pra cantar. Ele cantava, assoviava, aí a empregada viu e veio onde ele:

Pelenguinha: _ O que é isso aí?

João: _ Um passarinho que é minha defesa, meu companheiro de viagem.

Pelenguinha: _ Isso não serve para o senhor, serve é pra minha patroa.

João: _ Então vá dizer pra ela, se ela negociar comigo eu negocio com ela.

Aí foi e disse pra ela.

Princesa: _ Ah, não.

Pelenguinha: _ Oh, senhora negocie porque a senhora já ganhou uma toalha, já ganhou uma guitarra, então esse passarinho, esse passarinho tá cantando que a senhora, nem iihi, nem viu!

E quando o passarinho cantava lá, o velho se bulia na cama.

Pelenguinha: _ Então, seu pai já tá andando que ele não andava!

Princesa: _ Então, vá dizer para ele que eu faço negócio com passarinho.

João: _ Olha, eu faço negócio com passarinho, mas só se ela me levar para casa dela, se ela não me levar não faço negócio com o passarinho.

Aí chegou lá e ela disse:

Pelenguinha: _ Olha, ele mandou dizer para senhora que ele faz negócio com um passarinho mas só se a senhora trazer ele para cá.

Princesa: _ Não, não não.

Pelenguinha: _ Senhora traga ele para cá senhora, traga ele para cá que aqui tem uma coisa muito boa.

Princesa: _ Então vou ver o quê que eu faço.

Aí trouxe ele pra cá. Aí ele veio com passarinho, entregou o passarinho, tudo na mão dela, tava a guitarra, tava a toalha, tava o passarinho. Aí:

João: _ Como é teu nome?

João: _ Meu nome é João Querido.

Aí ele botou já, porque ele não tinha esse nome!

João: _ Meu nome é João Querido.

E sentou numa cadeira e botou ele sentado na outra. A princesa, né? Ela botou ele numa cadeira e sentou na outra [risos]:

Princesa: _ O senhor não quer passear comigo no meu trabalho?

João: _ É! Depende da senhora.

Aí eles foram passear. Tinha um riachinho na passagem, que aquela água de lá molhava as plantas, né? E ela quando chegou, que passou pra lá, passou por uma ponte que tinha. Tinha uma ponte que passava pra ir pro jardim, pra horta né? Quando ela veio de lá ela se arregaçou até no tronco. Ele fez assim:

João: _ Ixe!!!

O João Querido. [risos]

João: _ Ixe!! Ixe! [risos].

Aí tá bom. Aí chegou em casa, sentaram e ela disse:

Princesa: _ João Querido, o quê o senhor achou bonito no meu jardim, na minha casa e no meu jardim?

Ele disse:

João: _ Hunhum!

Princesa: _ Fala João Querido.

João: _ Hunhum! [risos].

Aí ela disse:

Princesa: _ O que o senhor achou do meu jardim, lá no meu trabalho, bonito?

João: _ Tem muito pé, pé de planta!

Princesa: _ E no caminho? [risos]

Ele disse:

João: _ Hunhum!

Aí ele disse:

João:_ A senhora quer saber?

Princesa:_ Quero.

João:_ Olha, a senhora me desculpe. Têm diversas coisas bonitas, muitas plantas bonitas, lá em um pé de couve que, desse tamanho, eu não tinha visto. Mas, o que mais me invocou foi as suas coxas!

Princesa:_ Atrás disso que eu caçava um homem corajoso.

Também parou a conversa, né. Parou a conversa. Aí, [risos] aí ela disse:

Princesa:_ João vai tomar um banho.

Ele foi banhar, trocou de roupa. Ele não tinha outra roupa, mas ela deu roupa logo pra ele e deu um quarto pra ele. E deu a chave de todos os quartos pra ele abrir, mas um não. Tinha um quarto que era pra ele não meter a chave naquele quarto. Todos eram pra ele botar a chave e olhar como era o sobrado, ver como era os quartos. Mas tinham um que não. Aí ele subiu, chegou, abriu um, olhava, fechava, abriu outro, fechava, tornava abrir, fechava. Ele ficou assim, olhou pro lado e pensou:

João:_ Eu vou abrir.

Aí meteu a chave na porta e puxou. Abriu. Era só cadáver, defunto morto. Porque todos que iam lá, ela queria que adivinhasse o que era bonito nela. E todos achavam era um pé de melancieira, um pé de mato, era um pé de juçareira, era uma coisa assim que não agradava ela, né? Isso que ela queria que eles falassem era esse negócio aqui [as coxas], lá dela [risos]! E ainda não tinha assim nenhum corajoso para dizer. Aí fechou o quarto. Aí ela disse:

Princesa:_ Você, mirou a casa toda?

João:_ Mirei.

Princesa:_ Abriu o quarto que disse que era para você não abrir?

João:_ Não, senhora.

Princesa: _ Não abriu?

João: _ Não, não abri não.

Princesa: _ Não abriu, tá certo.

Disse:

Princesa: _ Como foi que o sr. adquiriu essas coisas tudinho?

João: _ Porque eu fiz mesmo como estou fazendo aqui.

Princesa: _ Mesmo como o senhor está fazendo aqui?

João: _ Eu fiz viajando, passeando e tudo isso não foi de onde eu nasci e nem onde eu me criei, foi andando.

Ela disse:

Princesa: _ Êsse, quando é que nós vamos nos acertar?

Ele disse:

João: _ Olha dona, a senhora vai me desculpar , mas eu sou certo.

Calou. Aí eles foram conversar, conversar e depois se namorar, namorar, marcar encontro. E ele sempre dizendo pra ela:

João: _ Olha dona Isabel, eu sou pobre, mas tenho só apenas o meu saber.

Porque tudo isso que ele aprendeu com o padrinho dele, Santo Antônio, ele tava defendendo ele, não era? Porque ele não tinha a sabedoria pra se defender. Mas o padrinho dele defendeu de tudo, da boca da pedra, dos irmãos, tudo aquilo foi o padrinho que ajudou ele. Pois bem, aí ela disse assim:

Princesa: _ Não porque eu queria marcar encontro com senhor para casar, o senhor descobriu o meu reino.

João: _ Olha, eu casarei com a senhora, se eu voltar para o meu lugar pra buscar meu pai. A senhora tem o seu, eu já não tenho o meu. Se voltar pra apanhar meu pai, eu caso com a senhora e se a senhora não me liberar para eu buscar meu pai, eu não vou casar com a senhora.

Ela disse:

Princesa: _ Em que reino o seu pai mora?

João: _ No reino do Baltar.

Princesa: _ E o senhor andou de lá até aqui?

João: _ Andei de lá até aqui. .

Princesa: _ Não veio montado não?

João: _ De lá até aqui.

Princesa: _ E quanto tempo o senhor gastou?

João: _ Um punhado de dias.

Princesa: _ E como o senhor fez pra se alimentar?

João: _ Com essa toalha, ela me alimentava e com o passarinho me divertia, ele cantava, era um companheiro meu. E tudo isto é que está me custando a voltar, porque não tenho alimento para mim ir lá. E daqui até lá é longe.

Ela disse:

Princesa: _ Tá bom, chama o tabelião, vamos marcar o casamento, casar e vamos buscar o seu pai.

João: _ Se a senhora fizer tudo isso eu quero, mas se não fizer, eu não quero.

Aí marcaram casamento, casaram. Foram buscar o pai dele. Aí levaram passarinho pra divertir e a toalha pra botar comida no caminho quando tivesse fome, né? E foram lá, convidaram o velho, venderam o reino do velho, Baltar, e vieram para o reino da princesa Isabel e foram fazer vida e até hoje estão morando lá.

FIM DA HISTÓRIA

Conversa com narrador

Pergunta: esse velho era Deus?

Seu Domingos: era Deus mais Santo Antônio. Santo Antônio é que era padrinho do João, mas Deus é que ia

na frente para ele virar aquele velho. Se eles abraçassem o velho, o Santo vinha, mas se eles não abraçassem aí não vinha ninguém. E os dois não queriam o ferimento, aí não deu o comê e não foram buscar o remédio pro pai deles. E ele deu o comê, ele fez tudo como era pra fazer.

Pergunta: o velho era Santo Antônio e a raposa era o anjo da guarda?

Seu Domingos: era, porque o sujeito podendo fazer o bem, não faça mal, né? Ele achou arrastando o cadáver no campo e pagou a custa e soltaram o defunto. Foi a defesa dele porque os irmãos deixaram ele no poço e lá ele ia morrer. Mas ela veio tirar ele.

A mulher e o doutor

Era um homem que se casou e teve uma filha. Depois começou a judiar com a mulher. Ela se queixou à polícia que ele estava açoitando ela. A polícia disse que quando acontecesse outra vez ela viesse avisar. Quando foi nesse dia ela engravidou e teve uma criança. A menina se formou, casou e teve uma menina. Ele tornou a açoitá-la e então ele foi preso. A filha foi ao juiz:

Filha: _ Doutor, eu venho aqui pra o senhor me liberar para eu falar com meu pai. O juiz respondeu:

Juiz: _ Não. Não posso, o seu pai está preso cativo.

Ela voltou triste, mas lembrou que a madrinha era Nossa Senhora e pediu:

Filha: _ Me libere uma bênção que eu quero falar com meu pai.

Ela foi e disse:

Nossa Senhora: _ Tu vai e bota o peito por cima da cadeia.

Filha: _ Mas como eu vou fazer isso?

Nossa Senhora: _ Vai que eu vou te ajudar.

E a moça acertou certo no quarto do pai. Pôs o peito por cima da grade. E o pai chupou, mamou. E a madrinha ensinou:

Nossa Senhora: _ Olha, minha filha diz: “Eu já fui filha e hoje sou mãe, criando filhos alheios, marido da minha mãe”.

De dois em dois dias dava de mamar. Quando chegou no último dia, a madrinha disse: vai onde o juiz e diz essa adivinhação. Ela foi disse:

Filha: _ Se eu contar e o senhor não adivinhar, o senhor libera meu pai?

O juiz disse:

Juiz: _ É difícil eu não adivinhar. Se a palavra de mulher pra um homem dá de discutir, eu quero ouvir.

Ela então disse aquelas palavras:

Filha: _ Eu já fui filha e hoje sou mãe, criando filhos alheios, marido da minha mãe.

Ele disse:

Juiz: _ É muito difícil entender isso, porque a senhora já foi filha, hoje é mãe, como vai criar filho alheio, marido da mãe? Como a senhora entra na cadeia?

Só que a madrinha estava com ela, como se fosse um encantado de pajé, né?. O juiz teve que contar com o promotor. E ele achou impossível. E ela disse:

Filha: _ Mas para Deus nada é impossível. Mas doutor juiz, eu estou pedindo porque eu mereço.

Juiz: _ Se você contar como foi nós liberamos seu pai.

E ela contou que foi até a madrinha, fez o que ela mandou. O juiz disse você pode levar seu pai, mas só que d hoje em dia ele não tocava mais a mão em ninguém mais, vai ser igual uma moça.

FIM DA HISTÓRIA

Conclusão do narrador: “A lei do homem não bota a lei de Deus em baixo”. Hoje o homem que bate já não vai preso. Aqui tem um que matou e está no Rio Grande. Hoje, se tiver dinheiro condenado está fora.

A princesa e os sinos

Foi um príncipe dom Buzo que casou com uma mulher, a Aninha. Ela era menina ainda e ele mais idoso. Foram fazer coisa e ela ficou grávida. Quando ela ficou grávida ele enjoou dela. E foi procurar uma moça, que quando pequena ele sempre que passava por ela dizia, estuda e cresce que um dia vou casar contigo, a menina cresceu e ele prometeu queia matar a mulher para casar com ela.

Aninha: _ Acorda dom Buzo deixa de tanto dormir, vai dizer à minha mãe que estou com dor para parir.

A Nossa Senhora veio, parteira veio só. A criança nasceu. Ela botou no berço. E ele dormiu. De manhã, ele acordou e saiu. Viu a namorada no sobrado e disse:

Dom Buzo: _ Tu te apronta que amanhã é o casamento.

E pra mulher ele disse:

Dom Buzo: _ Mulher cuida com esse almoço que quero cortar o pescoço.

E o menino na cama. A mulher foi fazer o almoço chorando.

Aninha: _ Ah Jesus os sinos tão dobrando! Ah minha mãe a senhora não sabe o que tá acontecendo? A senhora não sabe o que é isso?

Ela disse que não. E o menino cantou:

Menino: _ Os sinos estão dobrando ai meu Deus quem morreria a princesa minha mãe que a morte não merecia. Um casado bem casado que Deus não queria.

Ela agarrou o menino e botou no seio.

Aninha:_ Mama, mama meu filhinho, neste peito de amargura que amanhã por estas horas tua mãe tá na sepultura.

Os sinos estão dobrando e

Menino:_Ai meu Deus quem morreria foi a princesa minha mãe que a morte não merecia. Um casado bem casado que Deus não queria.

Deus não queria aquele casamento e as palavras da criança salvaram a mãe. E naquela mesma hora a outra caiu do mirante.

E ele cantou:

Dom Buzo:_Ai meu Deus foi minha culpa, mais isto eu não queria. Agora só quero minha mulher e o filho que existia.

FIM DA HISTÓRIA

São Pedro e Jesus correndo o mundo

Pedro convidou Jesus:

São Pedro: _ Jesus vamos passear?

Jesus: _ Rapaz eu não, porque tu quer ir à pelintra e eu vou em um estado pobre e eles não querem me receber.

São Pedro: _ Não Jesus, vamos passear. Correr o mundo, ver as pessoas carentes.

Aí vieram. Quando chegou na beira de brejo grande, aí chegaram no Brejo, passaram uma estiva, chegaram em rio, tinha umas lavadeiras lavando roupa, uma porção de lavadeiras lavando, aí gritaram:

Jesus e São Pedro: _ Hei dona!

Ninguém respondeu, tornaram a gritar, depois de três gritos, falou uma braba, aí ela disse:

Lavadeira: _ O que você quer?

Jesus: _ Eu quero passar, se cubra aí.

Lavadeira: _ Ah, isso é hora de você passar? Não tá vendo que nós tamos lavando, você quer passar agora, uma hora dessas?

Ele disse:

Jesus: _ É, mas é estrada, o que eu posso fazer?

Lavadeira: _ Passe.

As duas que não falaram as roupas ficaram todas boas e essa que falou, depois que eles passaram para lá, foi rasgando roupa, queimaram as roupas tudinho.

Lavadeira: _ Aí meu Jesus, meu Deus, queimaram a roupa do meu patrão, como é que eu vou fazer, com que cara eu vou chegar no meu patrão, a de vocês não queimaram, não rasgaram e a minha rasgou toda.

Aí ela foi e disse:

Lavadeira: _ Ei moço, ei moço, me ajude que fogo queimou a roupa de meu padrão todinha, como é que eu vou fazer isso?

Jesus: _ Ah, eu não tenho culpa de nada.

Ela disse:

Lavadeira: _ Ai eu não tenho como pagar a roupa do meu padrão, ele vai me condenar, ele vai me judiar.

Ele disse:

Jesus: _ Volte, volte que quando a senhora chegar lá perto do rio suas roupas estão tudo igual.

Ela chegou lá tava tudo igual, tudo direitinho não tava rasgado, não tava queimado. Aí eles foram embora. Viajaram, viajaram, viajaram e chegaram na casa de uma pessoa. Aí chegou lá bateu e aí o homem era pescador, tava pescando e a mulher tava em casa. Aí bateram na porta, a mulher veio espiar e viu logo São Pedro metido na beca, sapato bonitinho e o velho numa roupa velha, chinelo no pé, todo enferidado. Aí ele disse assim:

Jesus: _ Quedê teu marido dona?

Ela disse:

Mulher do pescador: _ Ele tá pescando.

Jesus: _ A senhora não quer me dar uma hospedagem?

Mulher do pescador: _ Olha, eu não posso dar porque meu marido não está em casa, quando ele chegar ele pode ficar brabo porque eu coloquei pessoas pobres dentro de casa e eu não sei que horas ele chega, o senhor quer se hospedar o senhor fica ali naquela casinha de porco ali.

Quando foi seis horinhas pras sete ele chegou.

Mulher do pescador: _ Ah! marido deixa eu te contar uma novidade.

Pescador: _ Que é?

Mulher do pescador: _ Aqui veio duas pessoas, lá pras quatro horas pras cinco, pedindo hospedagem.

Pescador: _ E o que tu fez?

Mulher do pescador: _ Eu não dei.

Pescador: _ Por que que não deu?

Mulher do pescador: _ Eu não dei, mas eles estão ali na casa de porco.

Pescador: _ Oh piquena, foi fazer isso! Não tinha feito essa injusta.

Mulher do pescador: _ Não porque você podia ficar brabo.

Pescador: _ Que brabo que eu ia ficar! Pessoas pedindo hospedagem!

Foi e convidou eles, aí São Pedro disse:

São Pedro: _ Não nós vamos ficar aqui mesmo, já estamos aqui agasalhado.

Pescador: _ Não senhor, vamos pra dentro e tal.

Quando chegou perto da porta ele ouviu ela dizer assim:

Mulher do pescador: _ Tu foi buscar ele? Na minha rede ele não dorme não, que esse homem tá todo enferidado.

Pra São Pedro ela dava uma rede boa, mas para Jesus não. Aí eles sentaram em um banquinho e na hora da bóia, foi saindo os peixes. Em vez de pegar os peixes grandes, pegou os miudinhos. Ela botou os miudinhos no fogo pras visitas e os grandes pros dono de casa. Aí botou o jantar pra eles e disse:

Mulher do pescador: _ Vem jantar, vem jantar.

Eles foram jantar, eles comeram e se levantaram.

Pescador: _ Não querem mais não?

Jesus: _ Não senhor, estamos satisfeito, nós comemos merenda lá na beira de um rio, nós não estamos com fome não.

Pescador: _ Ah, mas vocês tavam com fome.

Jesus: _ Não, não estamos, não.

Aí eles vieram jantar. Aí Jesus:

Jesus: _ São Pedro, vamos embora.

Na hora que eles viram saindo a bóia:

Jesus: _ Vamos caminhar!

Garraram a mochilinha deles:

Jesus: _ Caminhar.

Pegaram a mochilinha deles e caminharam. Na hora que ela foi comer o peixe grande, entrou uma espinha na garganta, aí morre não morre, morre não morre.

Mulher do pescador: _ Ah marido, vai lá onde esse velho pra ver se ele sabe algum remédio.

Foram onde eles estavam, não acharam. Já era! E eles tinham caminhado, aí ele saiu de carreira atrás e corre pra acolá, e sobe acolá e eles estão gritando:

Jesus e São Pedro: _ Arruma umas esmolas pra seu cristão!

Eles gritaram, gritaram:

Pescador: _ Espere.

Tão esperando e aí Deus cansadão:

Pescador: _ Ó meu velho, não sabe um remédio que tira espinha da garganta?

Jesus: _ Não senhor. Por quê?

Pescador: _ Porque minha mulher foi comer e se engasgou com uma espinha, tá é ruimzona!

Jesus: _ Ai , eu não sei.

Pescador: _ Oh, meu velho, volte pro senhor fazer uma caridade.

Jesus: _ Eu não sei, eu não volto. Eu não sei.

Ele disse:

Jesus: _ Tá bom, então eu vou dizer umas palavrinhas, você vai e diga pra sua mulher. Homem bom, mulher ruim. Peixe pequenininho, só má [?], sobe e desce, solta pela boca. Aí ele foi e quando chegou um bocadinho assim, esqueceu. Voltou. Ele tornou a dizer. Agora não volte mais que eu não vou mais dizer.

Aí quando veio conseguiu saber. Ele chegou lá falou na garganta da mulher e a espinha saiu. Aí eles foram viajar, anoiteceu, tava de noite, né? Ai Jesus disse:

Jesus: _ Pedro nós não vamos chegar lá, nós vamos dormir aqui num lugar desse por aí, se hospedar ou ficar no mato por aí, amanhã nós viaja.

Acharam uma morada por lá e, quando foi de manhã, levantaram. Levantaram, andaram, andaram e chegaram numa casa. Tinha uma mulher buchudona, chegou na porta, olhou eles e se escondeu. Aí eles bateram na porta. A mulher veio e eles perguntaram:

Jesus e São Pedro: _ Cadê o teu marido?

Mulher: _ Meu marido tá carreando?

São Pedro: _ Cadê teu marido?

Mulher: _ Tá trabalhando, tá carreando. Êsse, por que?

São Pedro: _ Eu queria que ele me desse uma hospedagem agora a noite inté pela manhã, pra nós viajar.

Aí ela disse:

Mulher: _ Olha só que eu não posso fazer isso por que o marido dela não tá, eu tô sozinha, tô grávida, de repente dá uma dor e vocês são visita e né? Se os dois quiserem se agasalhar, tem uma estriba de cavalo ali, vocês vão pra lá.

São Pedro: _ Nós queremos.

Foram pra lá. Quando foi umas seis horas o marido chegou. E ele disse pra ela:

Marido: _ Por que tu não deu hospedagem pro homem? Olha, não seja ruim porque tudo é [?]

Mulher: _ Ah eu não porque tu ia falar, porque eu tô gestante, nos tempos de ter a criança, pode de noite chegar e dar a dor e como tá eles por aí.

Ele foi buscar eles. Eles chegaram desconfiados.

Marido: _ Olha, nós não temos jantar, mas temos aqui um café, uma merenda, temos um pão, um doce.

Comeram e foram sim'bora. Aí mais tarde deu dor, dor na mulher, dor na mulher pra ter neném, dor na mulher. Foram buscar a parteira. A parteira fez o serviço lá. Aí na hora de dar a mama! O peito entupiu.

Mulher: _ Ai ai ai, ai ai ai , ai ai ai.

Aí ela disse:

Mulher: _ Ô marido, vai atrás desse velho, talvez esse velho saiba benzer ou ensinar um remédio que eu tô passando mal.

Ele saiu. Chegou na sala, ele já tinham ido embora, já era. Ele não sabia nem pra onde. Aí saiu alumando, viu o rastro de São Pedro e Jesus, saiu gritando, gritando. E São Pedro era sabido, que ele sabia o que ia acontecer, que quando ele saiu da casa, ela não queria andar, queria só se agüentar. E Jesus queria caminhar e ele só se abancando, que ele sabia o que ia acontecer. Aí ele ouviu gritar.

São Pedro: _ Olha, tão gritando!

Jesus: _ Que rapá?

São Pedro: _ Tão.

Aí, veio e eles esperaram, ele chegou.

Marido: _ Meu velhinho, eu vim aqui pra saber se o senhor não sabe um remédio de peito. A minha mulher que tava gestante, teve a criança, mas tá gritando com uma dor no peito que tá é ruinzona!

Jesus: _ É mesmo?

Marido: _ É.

Jesus: _ Mas eu não sei.

Marido: _ Oh! Vamos lá!

Jesus: _ Eu não posso voltar.

Perguntavam sempre pra esse velhinho, por que todo velho sabe sempre muita coisa, né? Eles viam que o outro tava limpinho, empalitozado, e eles não acreditavam em São Pedro. Acreditavam só no velho, né? Aí ele disse :

Jesus: _ Olha , eu não vou voltar. Eu não sei também remédio, mas eu vou lhe ensinar assim: homem bom mulher má, tempo de inverno não há de se fiar, cama de espinho e lama, peito dói é da mama.

E por que que ele disse isso? Porque pra São Pedro eles deram uma rede e pra Jesus eles deram foi uma miansaba. Cama de espinho e lama, peito dói é da mama. Então, homem bom mulher má, tempo de inverno não há de se fiar, cama de espinho e lama, peito dói é da mama. Ele foi, duas vezes ele errou, na terceira ele acertou. Chegaram no céu aí. Não, minto. Aí eu menti. Eles chegaram foi em outra casa e tinha outra mulher gestante. Mas eles chegaram lá na hora do perigo. E eles entraram. E a mulher tava em perigo, tava em perigo. Tem criança, não tem criança. Ai ai ai, ai aia ai, gritando, berrando, chorando. Aí Jesus disse:

Jesus: _ Pedro vai na rua e vê o que tu vê.

Aí seu Pedro foi lá e achou os dois [?] Voltou.

Jesus: _ O que tu viu?

São Pedro: _ Eu vi dos piqueno?

Jesus: _ Ah! Não é hora da criança nascer.

Aí, demora. Vai na rua.

Jesus: _ O que tu viu?

São Pedro: _ Eu vi duas comadres brigando.

Jesus: _ Ah, se ela nascer agora , ela vai ser uma brigadeira.

Aí ele tornou a ir ver. Quando ele voltou ela já tinha nascido.

Jesus: _ O que foi que tu viu?

São Pedro: _ Eu vi duas crianças brincando.

Jesus: _ Ela vai brincar, ela vai ser uma criança de Deus.

Agora que era hora dela nascer, por que se ela nascesse quando elas tava brigando de faca, ela ia ser uma assassina. Na hora das comadres brigando ela ia ser uma [?]. E na hora dos anjos brincando, ela ia ser uma criança brincadeira da luz de Deus, agora é que era a hora dela nascer.

Aí no outro dia desencantaram.

FIM DA HISTÓRIA

Comentário do narrador: “Foi quando ele deixou essas palavras pra mulher da mama e pra outra da goela. Porque ele correu a terra pra ver como era o mundo, como era que o povo pobre ia benzer o rico e como os ricos iam benzer os pobres. Ele não achou limpeza nenhuma. Nos homens, ele achou, mas quanto às mulheres não, ele achou só caminho ruim”.